

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 116 / MAIO, 1998 / Nº 2.030

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL: feb@febrasil.org.br

| | |
|--|----------|
| Editorial - Maternidade | 2 |
| A Lei - Juvanir Borges de Souza | 3 |
| Implicações da Mediunidade - Militão Ferreira dos Santos | 6 |
| Maternidade - André Luiz | 7 |
| Ampliando Horizontes - Richard Simonetti | 9 |
| Uma Questão de Justiça - João da Silva Carvalho Neto | 13 |
| A Bênção da Paz - Ismael Ramos das Neves | 16 |
| A Mediunidade e o Homem que Pensa - Maria de Lourdes F. Alencar | 18 |
| A Verdade - Washington Borges de Souza | 22 |
| A Polêmica Beneficia a Causa do Bem? - Paulo Roberto Wollmer | 25 |
| Esplorando o Evangelho — Além dos Outros - Emmanuel | 27 |
| Refletindo Sobre a Escola - Dalva Silva Souza | 28 |
| O Humanismo Cristão e a Palingenesia - Carlos Bernardo Loureiro | 31 |
| Espiritismo e Construtivismo - Marcus Alberto De Mario | 35 |
| Terapia do Evangelho - Dias da Cruz | 38 |
| Federação Espírita Brasileira — Administração | 39 |
| A Indulgência - Paulo de Tarso São Thiago | 41 |
| Pessoas Jurídicas Isentas do Imposto de Renda | 44 |
| Jesus y Kardec: Dos Guias de Una Misma Doctrina - Rossel Alfaro Martínez | 45 |
| Kardec — Primeiro e Sempre - Passos Lírio | 49 |
| A FEB e o Esperanto — O Esperanto e a Divulgação do Espiritismo na Polônia - Affonso Soares | 51 |
| Internet Abriga Videntes - Davilson Silva | 53 |
| Ansiosa Solicitude - Agnes H. Soares Leal | 55 |
| Seara Espírita | 57 |

Nota: Nossa capa é ilustrada com quatro obras muito apreciadas pelos espíritas em geral. De F.C. Xavier: "Ação e Reação", pelo Espírito André Luiz; "Vida e Sexo", pelo Espírito Emmanuel; "Pontos e Contos", pelo Espírito Irmão X. Não mediúnica é "Forças Sexuais da Alma", do Dr. Jorge Andréa dos Santos.

Editorial

Maternidade

Em cumprimento a leis divinas, a encarnação dos Espíritos na Terra se faz em corpos masculinos e femininos.

Ao homem e à mulher o Criador reservou participação diferente na elaboração da vida de seus descendentes. A missão de ambos é a de caminhar juntos, lado a lado, com atribuições específicas, mas sem discriminações injustas, nem privilégios, em função do sexo.

Entretanto, em virtude de causas diversas, entre as quais se alinha o atraso moral dos habitantes deste Planeta, a mulher tem sido discriminada e tratada, através dos milênios, como ser inferior ao homem.

A Doutrina Espírita opõe-se à tradição milenar. Em decorrência de seus princípios, não há como sustentar-se a diferenciação de direitos. As funções do homem e da mulher, evidentemente, se diferenciam, mas daí não decorre superioridade de um sexo sobre o outro.

Se, porventura, pairasse qualquer dúvida sobre a igualdade de direitos entre os sexos, a **maternidade**, função essencial reservada à mulher, faria pender para ela o peso do reconhecimento de sua importância.

Que outro papel, no desenvolver da vida da Terra, poder-se-ia considerar mais importante que o da mulher-mãe?

Quantos deveres e obrigações decorrem dessa condição primacial da mulher independentemente de sua condição social, de sua educação, de possuir ou não um lar, de ser ou não amparada pela família, pelo companheiro, pela sociedade, pela lei!

“Maternidade é sagrado serviço espiritual em que a alma se demora séculos, na maioria das vezes aperfeiçoando qualidades do sentimento.”*

Por isso mesmo, diante da magnitude da maternidade, são incalculáveis as responsabilidades da mulher, que precisa repensar profundamente questões como o aborto, esse crime abominável contra a vida, cuja prática, por irresponsabilidade e ignorância, procura-se considerar como um direito”.

* “Entre a Terra e o Céu” — F.C.Xavier / André Luiz, pág. 177 — 17ª ed. FEB.

A Lei

JUVANIR BORGES DE SOUZA

A ordem e a beleza, a harmonia e a solidariedade, espalhadas por todo o Universo visível e invisível, subordinam-se a leis naturais, tanto no campo material quanto no espiritual, no físico e no moral.

A Inteligência Suprema é a fonte, a causa a razão da Lei.

A idéia de Deus torna-se de mais fácil percepção quando o homem atenta para as leis naturais do amor e da justiça a manifestarem-se por toda a parte, eis que o Criador, a Perfeição Absoluta, rege toda a criação, toda a grandeza da Vida, através de normas eternas e imutáveis.

Nada mais justo e lógico, portanto, que, na hierarquia dos mandamentos, esteja em primeiro lugar o amor a Deus, tal como ensinou Jesus. É da ordem natural que a criatura responda a seu Criador com o princípio do amor pelo qual foi criada.

No estágio evolutivo em que se encontram os habitantes da Terra, torna-se difícil, para larga parcela da Humanidade, apreender e identificar, pelo pensamento, a causa primeira de todas as coisas.

Entretanto, se o materialista, o positivista ou o niilista atentarem para a existência final das coisas, para a vida a se manifestar sob formas tão diferentes nos reinos da Natureza, para a harmonia do Universo infinito, para o Bem em contraposição ao mal, para o conhecimento em face da ignorância, por certo buscarão uma causa inteligente para as manifestações dessa ordem, ao invés de atribuírem tudo ao acaso.

O espírito humano, desde que sinceramente devotado à busca da realidade, da verdade e das leis que regem todas as coisas, tem possibilidades de chegar a conclusões lógicas usando sua inteligência, sua razão e seus conhecimentos. A razão humana é verdadeira luz que esclarece todo homem que vem ao mundo.

O que ocorre comumente com muitos niilistas e materialistas, aferrados à matéria, dotados de inteligência e conhecimentos científicos, é que se deixam dominar por um orgulho presunçoso, utilizando a própria razão na defesa de preconceitos arraigados contra a outra face da realidade, que não conhecem e não admitem: a realidade espiritual.

O nosso mundo apresenta esse verdadeiro paradoxo: a comunidade científica, constituída de indivíduos inteligentes e dedicados à pesquisa das leis que regem a matéria, por não admitir a existência do outro elemento universal – o espírito – chega a conclusões total ou parcialmente divorciadas da verdade e da realidade.

Os espiritualistas em geral, e os spiritistas em particular, fiados na lei de evolução, e no peso da realidade, cultivam a esperança de uma modificação radical no paradigma da ciência oficial. Bastará, para isso, que a comunidade dos cientistas atente para a existência de Deus e do Espírito imortal, até aqui negados injustificadamente.

Independentemente das idéias materialistas e niilistas cultivadas por indivíduos e comunidades, não podemos fugir à realidade de que todos os homens são criaturas do mesmo Pai e que, apesar da divergência no campo do

pensamento, todos são solidários, porque têm uma origem comum e demandam a uma mesma finalidade, embora por caminhos diferentes.



A Revelação Espírita reafirma a lei universal do Amor, ensinada pelo Cristo, que promana do Criador e atinge a tudo e a todos. Ao seu lado e complementando-a está a lei de Justiça, abrangendo todos os nossos pensamentos, palavras e ações, independentemente de julgamentos e tribunais, uma vez que se executa por si mesma.

Amor e Justiça, sob múltiplos aspectos, são manifestações da Inteligência Suprema, por toda parte.

“O mal que se encontra nos mundos atrasados, como o nosso, não é um princípio, uma finalística da lei divina, mas um estado transitório”

No nosso mundo, em virtude da idéia do Deus antropomórfico das religiões tradicionais e do panteísmo das filosofias orientais, torna-se difícil compreender que a presença do Criador em toda parte se faz através de suas leis divinas, eternas e imutáveis.

Amor e Justiça, compreendidos em seus múltiplos desdobramentos como a própria presença de Deus, possibilitarão às consciências perceberem que há uma diretriz suprema imprimindo em tudo a disciplina, a ordem, a harmonia.

As leis que regem a matéria, as leis morais, a lei de evolução, todas originam-se ou são desdobramentos das Leis de Amor e de Justiça.

Essas leis visam sempre o Bem.

O mal que se encontra nos mundos atrasados, como o nosso, não é um princípio, uma finalística da lei divina, mas um estado transitório, um contraste produzido pela inferioridade, no uso da liberdade que é inerente aos seres responsáveis, embora ignorantes. Por isto o mal não tem existência própria e definida e desaparece na medida em que o ser se torna por ele responsável descobre que o Bem é a lei da vida.

Pode-se, pois, dizer que o mal é a ausência transitória do Bem. O mal é próprio de mundos atrasados, onde impera a ignorância das leis divinas e onde predominam o orgulho, o egoísmo e seus derivados.



Não se pode cogitar da existência de leis superiores e justas, como a lei do Amor e da Justiça, sem partir da existência de uma Vontade e de uma Inteligência Superior.

Todas as leis naturais originam-se da Inteligência Suprema. Por isso essas leis têm um sentido definido, inseparável do Bem, embora nem sempre perceptível pelo homem.

Muitos pensadores expressaram a idéia de que as leis naturais são cegas, originam-se de fatos fortuitos da Natureza e não têm um direcionamento definido, sendo obra do acaso.

Entretanto, basta um olhar para a harmonia do movimento dos corpos celestes, regido por leis matemáticas, para que se desmorone a teoria do acaso.

De outro lado, a simples observação do desenvolvimento da vida nos reinos vegetal e animal mostra a incongruência da teoria, fruto da ignorância humana.

As leis da Física e da Química, da Biologia, da Genética e de todas as ciências que tratam da matéria demonstram que foram estabelecidas por uma Inteligência Superior. No que se refere à matéria, os efeitos estão sempre contingenciados às causas. A lei é imutável e tudo acontece sempre da mesma forma, com referência ao que é físico.

Já no que concerne aos campos intelectual e moral, a lei natural ou divina leva em consideração a atuação do Espírito, com sua liberdade de agir. Mas o Espírito, livre para agir, é responsável pelas conseqüências de suas ações.

O Espírito, porém, não pode ir além dos limites da lei natural. Uma Justiça perfeita sobrepõe-se a tudo, sem prejuízo da liberdade com que foi dotado o Espírito, ao ser criado.

Através da Revelação Espírita temos hoje a possibilidade de entender como o Criador dirige o Universo e de perceber muitos fenômenos que antes nos pareciam inexplicáveis, como os chamados “milagres”.

Tudo na Natureza obedece a leis naturais. Inexiste o “sobrenatural”.

Graças aos ensinamentos dos Espíritos libertamo-nos do jugo exclusivo da ciência materialista, percebendo que ao lado do mundo visível desenrola-se o mundo invisível, muito mais vasto e complexo, do qual já fizemos parte e estamos provisoriamente separados, mas ao qual voltaremos.

Mas, por toda parte, no mundo visível e no invisível, impera a Lei Divina, imutável, eterna, amorosa e justa.

Já as leis humanas, concebidas com o objetivo de regular o relacionamento entre os homens e entre estes e o Estado, mutáveis no tempo, refletem as inferioridades humanas e os interesses de grupos no seio das sociedades.

As mais justas são as que mais se aproximam das leis naturais ou divinas.

O progresso intelectual, moral e espiritual do homem aproxima-o das leis divinas, com reflexos naturais nas leis humanas. •

Implicações da Mediunidade

MILITÃO FERREIRA DOS SANTOS

A mediunidade não é boa nem má: é neutra. O uso que fizermos dela, sim, é que poderá nos conduzir às esferas psíquicas mais elevadas, se esse uso for mesmo dedicado ao próximo, indistintamente, como nos ensina “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec.

A mediunidade poderá, também, nos jogar no abismo, complicando a nossa caminhada evolutiva, se não obedecer aos ensinamentos evangélicos. Por isso é muito grande a responsabilidade de todos os detentores da mediunidade.

O médium precisa ter boa conduta, ser dotado de qualidades morais exemplares, possuir bastante humildade e estar sempre em contato com todas as obras da Codificação Kardequiana.

O mediano que não estuda a Doutrina Espírita fica sempre sujeito à estagnação e não progredirá. Além disso, precisa evitar os perigos que a mediunidade proporciona, como: vaidade, ambição, falta de perseverança no bem, julgar-se indispensável, e a maledicência que arrasa com todos nós.

Devemos extinguir preocupações, impressões negativas que se relacionam com a mediunidade, controlar as manifestações mediúnicas que se expressam por respiração ofegante, gemidos, gritos e contorções, batimento de mãos e pés ou quaisquer gestos violentos conforme nos ensina André Luiz em “Conduta Espírita” (psicografia de Waldo Vieira, 20ª ed. FEB, 1998, pág.28, item 3º).

Que estes ensinamentos ora recordados possam servir para nós, porque, como lutadores nas tarefas mediúnicas, sentimos grandes dificuldades em pôr tudo isso em prática.

Compreendemos que a mediunidade não constitui privilégio, mas sim uma grande responsabilidade. •

Maternidade *

Vemos em cada manifestação da Vida determinada meta de desenvolvimento, qual anseio do próprio Deus a concretizar-se.

Na Criação, o clímax da grandeza.

Na Caridade, o vértice da virtude.

Na paz, a culminância da luta.

No êxito, a exaltação do ideal.

Nos filhos, a essência do amor.

No lar, a glória da união.

De igual modo, a maternidade é a plenitude do coração feminino que norteia o progresso.

Concepção, gravidez, parto e devoção afetiva representam estações difíceis e belas de um ministério sempre divino.

Láurea celeste na mulher de todas as condições, define o inderrogável recurso à existência humana, reclamando paciência e carinho, renúncia e entendimento.

Maternidade esperada.

Maternidade imprevista.

Maternidade aceita.

Maternidade hostilizada.

Maternidade socorrida.

Maternidade desamparada.

Misto de júbilo e sofrimento, missão e prova, maternidade, em qualquer parte, traduz intercâmbio de amor incomensurável, em que desponta, sublime e sempre novo, o ensejo de burilamento das almas na ascensão dos destinos.

Principais responsáveis por semelhante concessão da Bondade Infinita, as mães guardam as chaves de controle do mundo.

Mães de sábios...

Mães de idiotas ...

Mães felizes ...

Mães desditosas ...

Mães jovens...

Mães experientes...

Mães sadias ...

Mães enfermas...

Ao filtro do amor que lhes verte do seio, deve o Plano Terrestre o despovoamento dos círculos inferiores da Vida Espiritual, para que o Reino de Deus se erga entre as criaturas.

.....
.....

Mães da Terra! Mães anônimas!

Sois vasos eleitos para a luz da reencarnação!

Por maiores se façam os suplícios impostos à vossa frente, não recuseis vosso augusto dever, nem susteis o hálito do filhinho nascente - esperança do Céu a repontar-vos do peito! ...

Não surge o berço de vosso coração por acaso.

Mantende-vos, assim, vigilantes e abnegadas, na certeza de que se muitas vezes cipoais e espinheiros são vossa herança transitória entre os homens, todas vós sereis amparadas e sustentadas pela Benção do Amor Eterno, sempre que marchardes fiéis à Excelsa Paternidade da Providência Divina.

ANDRÉ LUIZ

(Do livro "O Espírito da Verdade", de Autores Diversos, psicografado pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, 10^a ed. FEB, 1997, cap. 50.)

*** Mensagem baseada no cap. XIV, item 1, de "O Evangelho segundo o Espiritismo", de Allan Kardec.**

Ampliando Horizontes

RICHARD SIMONETTI

O Universo é criação de Deus. Abrange todos os seres racionais e irracionais, animados e inanimados, materiais e imateriais. (Folheto institucional da Campanha ESPIRITISMO, UMA NOVA ERA PARA A HUMANIDADE, da FEB).

Desde que começou a olhar o céu e a contemplar as estrelas, o Homem sonha devassar os mistérios do Universo.

Quando e como tudo começou?

Durante séculos particularmente na Idade Média, em tempos de obscurantismo, prevaleceram teorias religiosas sobre o assunto, inspiradas na mitologia. A razão ceder lugar à fantasia.

Os conceitos bíblicos, base do pensamento religioso ocidental, sugeriam que Deus criou o Universo em seis dias, incluindo o primeiro casal: Adão, a partir do barro e Eva, de uma costela que lhe foi subtraída.

Essa situação prevaleceu praticamente até o século XVII quando a Ciência começou a livrar-se das amarras impostas pela teologia atrelada ao poder temporal, acelerando paulatinamente seu desenvolvimento, até atingir as culminâncias atuais.

Modernas pesquisas científicas demonstram hoje que o Universo é muito mais velho do que sugere a cronologia bíblica, que situa o início de tudo há aproximadamente quatro mil anos.



Uma das dificuldades da Astronomia, base dos estudos sobre as estruturas do Universo, é a distorção imposta pela atmosfera, um manto etéreo que envolve a Terra, algo semelhante a observar, do fundo da piscina, um objeto boiando na superfície.

Essa limitação foi superada pelo telescópio Hubble, prodígio da moderna tecnologia, colocado em órbita terrestre, acima da atmosfera. Controlado por poderosos computadores, fotografa astros que estão a bilhões de anos-luz da Terra, o que significa que o Universo tem no mínimo essa idade.

O leitor não familiarizado com o assunto certamente questionará:

- O que tem a luz das estrelas a ver com a idade do Universo?

Simplex:

A visão é um fenômeno luminoso.

A luz reflete-se sobre o ambiente, conduzindo imagens luminosas que são captadas pelos olhos e decodificadas pelo cérebro. É por isso que sem luz não há visão.

Assim, quando olhamos as estrelas, estamos contemplando o passado. Se fotografarmos uma estrela situada a cinco mil anos-luz a foto registrará a imagem

luminosa que viajou 50 séculos, à espantosa velocidade da luz (trezentos mil quilômetros por segundo) para nos dar notícia de sua existência e como era.

Talvez nem mais exista, já que as estrelas, como os seres humanos, também morrem. Fatos celestes, apagam-se lentamente, na medida em que se esgota a energia que consomem.

É o que ocorrerá com o nosso Sol um dia; mas não se preocupe, leitor amigo. Levará alguns bilhões de anos. Até lá descobriremos outro lugar para morar, em planos etéreos, superado o ciclo das reencarnações terrestres.

Fácil concluir, levando-se em consideração o processo da visão, que qualquer estrela observada indica que o Universo tem pelo menos a idade correspondente ao tempo que a luz emitida leva para nos trazer a notícia de sua existência.



Desde as primeiras décadas deste século inúmeras teorias foram desenvolvidas, tentando-se explicar a origem de tudo, como começou o Universo.

A mais consistente, com algumas evidências científicas, é a do *big-bang*.

Há quinze bilhões de anos, teria ocorrido uma grande concentração de energia em determinada região do Cosmos. Atingido um ponto de saturação, houve a grande explosão, mais exatamente uma imensa expansão de energia que, condensando-se, deu origem à matéria, produzindo as nebulosas, nuvens de gases, berço das galáxias, que são concentrações de estrelas. Algumas têm planetas em sua órbita, como acontece com nosso Sol.

Aparelhos muito precisos demonstram que as galáxias estão se expandindo, como que obedecendo ao impulso de uma grande explosão. Daí o *big-bang*.



Com relação aos seres vivos, sabe-se hoje que tudo começou a partir de organismos extremamente simples, como as bactérias. Submetidos a mecanismos de evolução, foram paulatinamente se desenvolvendo, num período de bilhões de anos, após o esfriamento da crosta terrestre, até atingir a complexidade necessária para o aparecimento do Homem.

O ser pensante seria, então, a culminância desse processo evolutivo.

Quando essa teoria foi lançada por Charles Darwin, biólogo inglês, em 1859, na Inglaterra, causou furor.

Houve reações violentas das religiões de um modo geral, contra aquele atrevido inglês que pretendia destruir a Bíblia, situando o homem como mero parente dos macacos.

Mas, assim como aconteceu em relação aos avanços da cosmologia, a ciência inexorável acabou confirmando que Darwin estava certo.

E hoje em qualquer curso secundário aprendemos a Teoria da Evolução, não mais considerada uma especulação, mas uma lei natural demonstrada e comprovada.

E mais - há provas científicas hoje de que o Homem surgiu na Terra há pelo menos um milhão de anos, e não quatro mil anos, como sugere a cronologia bíblica.



O grande temor do pensamento religioso conservador é de que os avanços científicos acabem por eliminar a idéia de Deus, impondo uma concepção materialista.

O Espiritismo nos ensina que não devemos temer a Ciência que, não obstante seus desvios, é de inspiração divina.

Allan Kardec chega a afirmar que se a Ciência demonstrar algum equívoco nos princípios doutrinários, os espíritas devem ficar com ela.

Ocorre que, embora separadas no estágio atual, Ciência e Religião, se encontrarão em estágio mais alto, quando os religiosos forem mais racionais, e os cientistas menos pretensiosos.

E há perguntas que a Ciência jamais conseguirá responder, enquanto não aceitar a existência de um Criador.

Admita-se que o Universo começou a partir de uma grande concentração de energia que deu origem ao *big-bang*.

E daí? Quem produziu essa energia? Quem instituiu as leis que regem a matéria?

A matéria normalmente entrópica – tende à desordem –, organiza-se, desenvolve-se em complexidade, até o surgimento da vida e depois dos seres pensantes.

Quem a programou para isso?

O computador é um aparelho prodigioso, com miríades de componentes produzidos a partir da matéria. Foi ela quem criou o computador ou foi uma inteligência humana?

Na criação da matéria, na sustentação das leis da Física e na perfectibilidade dos seres vivos, forçosamente há um idealizador, um planejador e executor, que o cientista pretensioso e bitolado chamará de acaso.

O religioso dirá, com propriedade, tratar-se de Deus.



Há pessoas que olhando as misérias humanas, as injustiças da Terra, a confusão do Mundo, duvidam.

Se Deus existisse, justo e sábio como o exaltam, nada disso deveria acontecer.

É que na Terra temos uma visão muito precária. Vemos detalhes do programa divino, sem uma visão abrangente e objetiva.

Se abriremos um ovo choco ficaremos nauseados com aquela massa disforme e sanguinolenta e o odor que exala a partir de gases que produz.

Mas se esperarmos alguns dias e deixarmos a natureza seguir seu curso, veremos um dos fenômenos mais belos da Vida: a casca do ovo será rompida de dentro para fora e surgirá adorável pintainho.

O mesmo acontece com os homens, nesta incubadora divina que é a Terra.

Habitantes de Mundos mais evoluídos que nos visitem, ficarão horrorizados com os resquícios de animalidade que prevalecem em nosso comportamento, sustentando a confusão das coletividades e o sofrimento das pessoas.

Todavia, trata-se de mera contingência.

Criados para a angelitude, estamos em processo de gestação no ventre da Natureza, às voltas com os complexos mecanismos de nossa evolução.

E um dia, daqui a milhares de anos, quando a Humanidade houver completado o processo de sua formação espiritual, superando a animalidade, “nascemos” finalmente, cumprindo gloriosamente destinação, rumo à angelitude.



Se você, leitor amigo, situa-se dentre as pessoas infelizes, doentes, deprimidas, desorientadas, que procuram alívio no Espiritismo, talvez possam parecer-lhe ociosas, distantes de seu interesse e de suas necessidades, essas informações relacionadas com o Universo e a Vida.

Gostaria, talvez, que tudo fosse mais simples e direto. Que pudesse conquistar a paz na Terra e o paraíso no além, efetuando contribuições para os serviços religiosos ou submetendo-se a ritos e rezas.

A Doutrina Espírita nos ensina que não é bem assim.

Nossos males e problemas são decorrentes de nossas imperfeições e mazelas.

Superá-los, por isso, exige empenho em alargar os horizontes de nosso entendimento, definindo por que estamos usando nosso escafandro de carne, mergulhados na matéria densa, e, sobretudo, o que nos compete fazer.

Consideremos, nesse aprendizado, algo fundamental:

O nascer da Humanidade para as glórias da Criação poderá levar milênios, com a promoção de nosso planeta na sociedade dos Mundos.

Mas individualmente, podemos nascer desde a presente encarnação, a partir de três iniciativas fundamentais:

O estudo, buscando uma visão objetiva do Universo e da Vida.

A reflexão, o empenho de fazer repercutir o conhecimento em nosso comportamento, procurando padrões mais nobres, mais espiritualizados.

A prática do Bem, em todos os momentos de nosso dia, na vivência do sagrado espírito evangélico, enunciado por Jesus, registrado por Mateus (capítulo V), que resume a Lei e os Profetas, segundo o Mestre, isto é, resume todo o conhecimento passível de nos realizar como filhos de Deus:

Tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim também a eles. •

Uma Questão de Justiça

JOÃO DA SILVA CARVALHO NETO

A traição do homem à verdade tem sido uma marca de nossa civilização. Grandes personagens escreveram seus nomes na histórias dos povos pela infidelidade aos princípios que professavam. Mas não são apenas de fatos portentosos que vive a traição do homem à verdade, como também do cotidiano de cada um de nós.

Em “O Livro dos Espíritos”, (Capítulo XII da 3ª Parte), os Espíritos benfeitores respondem a Kardec, na questão 893, que a virtude “mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade”.

No capítulo anterior, de número XI, encontramos a abordagem da *Lei de Justiça, de Amor e de Caridade*, observando, presentemente, que em as nossas atividades doutrinárias exortamos a todos para a prática do amor e da caridade, relegando a segundo plano uma reflexão mais profunda sobre a questão da justiça. Talvez porque saibamos ser nossas vidas envolvidas em pequenas injustiças, às quais nos acostumamos por acomodação ou até por conveniência.

No livro “Apocalipse” do apóstolo João (3:15-17) adverte o evangelista, à Igreja de Laodicéia, que o Cristo diz:

“Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente; oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um infeliz, e miserável, e pobre, e cego, e nu.”

Na verdade nossa conduta tem sido quase que invariavelmente de busca da simpatia de todos, mesmo que nossa voz diga sim enquanto nossa consciência diz não. Pensamos que estamos bem por termos sorrisos ao nosso redor, ou uma situação social de destaque, mas nos falta a noção suficiente de estarmos no bem para sabermos quão pobres somos das virtudes morais.

Emmanuel avisa-nos que “o sim pode ser muito agradável em todas as situações, todavia, o não, em determinados setores da luta humana, é mais construtivo.¹ Propõe-nos ainda: “Cede aos poderes humanos respeitáveis o que lhes cabe por direito lógico da vida, mas não te esqueças de dar ao Senhor o que lhe pertence.”²

Perguntamos então: o que podemos dar a Deus já que tudo lhe pertence?

Certamente algo temos, e de extremo valor, que é a nossa liberdade de ação conceituada na posse do livre-arbítrio.

“Se a verdade e a Justiça não se incorporarem profundamente em nosso íntimo, jamais haverá caridade em nossas ações, o bem em nossos discursos, o amor em nossa energia mental”

Dar a Deus o que lhe pertence é agir no bem, relacionando-nos com o próximo sob a legislação da Justiça, do Amor e da Caridade.

Retornando ainda a “O Livro dos Espíritos”, observamos na questão 875 a definição de que “a justiça consiste em cada um respeitar os direitos dos demais”. Essa afirmativa recorda-nos a lição do doce Nazareno, sem que tenhamos vivenciado a responsabilidade que ela nos impõe: querer para os outros o que queremos para nós mesmos.

A simplicidade desta regra confunde-se, entretanto, com a complexidade dos nossos desejos egoístas, inviabilizando sua plena execução. A Doutrina Espírita, fazendo luz sobre este princípio, esmiuçando informações sobre os seus menores detalhes, delinea o caminho da verdadeira justiça, exigindo-nos apenas firmeza em nossas convicções.

Lembra-nos, em enfoque alertador, José Raul Teixeira, durante conferência realizada em Além-Paraíba:

“(…) a Doutrina Espírita nos convida ao exercício da fidelidade. Temos sido tão incoerentes, tão inseqüentes, tão frios que falamos de Espiritismo, mas não lhe guardamos a necessária fidelidade: trocamos-lo, e os seus ensinamentos, pelas primeiras facilidades que nos apareçam ou pelas primeiras dificuldades que se nos interponham.”

Complementa, ainda, Raul Teixeira que “ser espírita não é apenas uma grandeza para quem deseja ser, mas é um desafio para quem pode ser” obviamente porque ser “morno” é muito mais fácil do que enfrentar dificuldades ou rechaçar facilidades inescrupulosas.

Cada ato, palavra ou pensamento nosso marcará de felicidade ou de dor o nosso caminho. E se a verdade e a justiça não se incorporarem profundamente em nosso íntimo, jamais haverá caridade em nossas ações, o bem em nossos discursos, o amor em nossa energia mental.

Exergar no outro, no próximo que nos é caro ao coração, quanto naquele que nos contraria as emoções, um ser merecedor de respeito em sua dignidade espiritual, com direitos estabelecidos por Deus, é mais do que um ato de justiça, é a aquiescência do orgulho que se dobra à humildade da razão. Se nada nos distingue diante da Lei Divina senão nossas próprias obras, agir com injustiça é privilegiar-se sob o móvel de uma importância própria, de uma supervalorização do Eu e das necessidades pessoais, qualificando-nos a conta de espoliadores do direito de ser e do espaço de existir de nossos semelhantes.

Nada retrata melhor tal situação que a elucidativa afirmação de Jesus: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”.

Todas as vezes que traímos a justiça e a verdade estamos selando as portas do nosso aprisionamento à ignorância.

Em um mundo onde as injustiças vicejam ao nosso redor, somos realmente tentados a mutuá-las, locupletando-nos sempre que a situação nos é favorável.

Pensamos poder desferrar-nos dos erros que nos vitimam, retribuindo prejuízo por prejuízo. Contudo, essa é a ação do homem do mundo. Mas o Espírito se encontra no mundo com um discernimento e uma responsabilidade que o mundo não tem, sendo logicamente devedor de uma atitude mais digna e equânime. O que não nos torna imunes ao testemunho favorável à restituição da justiça pessoal e social. Enquanto regidos pelas leis humanas, imperfeitas e mutáveis, estamos submetidos ao ônus das encarnações de provas e expiações, necessitando serenidade no cumprimento de nossos deveres. Por esta razão, se trazemos Jesus no coração, e se nossos atos pretendem retratar-lhe as sublimes lições, temos que dar ao mundo, com justiça, o que o mundo nos pede, não olvidando o imperativo de darmos a Deus, em ações, pensamentos e palavras, o ponto de equilíbrio no bem em favor de toda a Humanidade. •

Referências Bibliográficas:

1. Xavier, Francisco Cândido. *Pão Nosso*, pelo Espírito Emmanuel, Cap. 80, 17ª ed., Rio de Janeiro, FEB. 1996.
2. Xavier, Francisco Cândido. *Fonte Viva*, pelo Espírito Emmanuel, Cap. 148, 21ª ed., Rio de Janeiro, FEB. 1997.

A Bênção da Paz

ISMAEL RAMOS DAS NEVES

Alguns freqüentadores das sociedades espiritistas solicitaram-nos escrevêssemos um artigo que abordasse a orientação espírita acerca da paz de espírito.

O assunto, pela sua transcendência, merece profundas reflexões.

Ouvindo os mentores espirituais que nos orientam de mais perto e pesquisando a própria bibliografia espírita, chegamos à conclusão de que, para termos uma vida espiritual com plenitude de paz e tranqüilidade, precisamos aprender a ajudar o próximo. O entendimento fraterno é a chave de nossa felicidade.

Se semearmos flores ao redor dos nossos passos, teremos sempre um jardim de meigas afeições a preencher de ventura os nossos corações!

O auxílio ao próximo abrir-nos-á o caminho de nossa integração com a prática do Evangelho do Senhor Jesus - roteiro de redenção para nossas almas!

Quando o Divino Mestre nos recomendou amar o próximo não apenas nos ofereceu uma orientação libertadora, mas, de igual modo, nos descerrou a fórmula misericordiosa, com a qual nos desembaraçaremos do labirinto de nossos próprios erros multisseculares.

Assim, se desejamos paz para os nossos corações, saibamos oferecer o melhor de nós mesmos em favor daqueles irmãos que vão conosco, na jornada da existência, conduzindo dificuldades maiores do que as nossas. E ajudando a diminuir a dor do próximo, aliviaremos a nossa própria dor. Se pudermos, ofereçamos um copo de água a quem tem sede, uma palavra de esperança a quem estiver triste, um sorriso ao desanimado, um pedaço de pão ao faminto, um livro nobre ao desorientado, uma prece ao agonizante, um enxoval ao recém-nascido pobre, um prato de sopa àquele que bate à nossa porta estiolado pela desnutrição.

Muitas vezes, não temos o dinheiro suficiente para erguer grandes obras assistências nem dispomos dos recursos e da influência para solucionar os casos mais complexos de miséria e dificuldade. Contudo, se guardamos no íntimo o desejo de ajudar, podemos mobilizar as condições ao nosso dispor para atenuar o problema do próximo. Lembremo-nos do óbulo da viúva. Se fizermos a nossa parte, a Misericórdia do Senhor propiciará-nos-á outras fontes de felicidade e de socorro, porque Deus, que nos criou e que nos ama, para nos socorrer, “tem caminhos que nós desconhecemos”.

O Senhor Jesus nos ensejou a bênção da paz, quando nos disse:

“A Minha paz vos dou”.

Trabalhemos, meus irmãos.

Ajudar o próximo é a recomendação do Excelso Benfeitor. A Parábola do Bom Samaritano encontra-se referenciada no Evangelho de Nosso Senhor Jesus não apenas como a descrição de um ensinamento isolado para as nossas vidas, mas, sim, como um programa básico de redenção do homem, porque é da lei que nos amemos uns aos outros, para sermos realmente felizes.

Relembremos o mandamento maior: “Amar a Deus sobre todas as coisas, e o próximo, como a si mesmo”.

A nossa paz individual seria inócua e vazia se realmente não estivesse alicerçada na felicidade de nosso vizinho!

Ajudemos sempre, e a vida sorrirá para nós, em cânticos de felicidade e beleza!

Trazendo Jesus em nossos corações, trabalhemos, juntos, pela tranqüilidade do Mundo, e a paz será uma constante em nossas vidas! •

A Mediunidade e o Homem que Pensa

MARIA DE LOURDES F. ALENCAR

O escrito que estamos iniciando é um convite para que nos deixemos levar pelas vias da razão e penetremos os meandros de assunto tão complexo como a mediunidade.

Alijemos de nós todo o preconceito (marcas de passado remoto ou mais recente) e que a Codificação seja suporte para as nossas conclusões.

Historicamente, notamos que cada época se apoia em pontos específicos que determinam as coordenadas pelas quais a Humanidade se orienta, seja no campo da ciência ou da filosofia.

As últimas décadas do século que se finda foram férteis não só em desenvolvimento tecnológico, mas também no amadurecimento intelectual, trazendo para os nossos dias a Era do Espírito, onde o homem-psi indaga e busca respostas para a sua origem e destino.

O mundo atual oferece-nos as inúmeras conquistas que o homem conseguiu, e que vieram modificar a forma de vida e de relacionamento entre as pessoas.

Este mesmo homem, sem se aperceber, descobriu sua potencialidade psíquica, porém, falta-lhe conhecimento para nortear esta força de maneira disciplinada e equilibrada... Referimo-nos à grande maioria e não ao reduzido número de pensadores que sempre se fizeram presentes no curso da História.

Diante destas primeiras avaliações, concluímos que os paradigmas usados até ontem, já não satisfazem as necessidades de hoje.

Na verdade, os paradigmas já mudaram, mas esta mudança ainda não foi percebida pela maioria. Reconhecer esta realidade não é fácil, e por isso, mesmo com claras evidências diante de nós, deixamos de admitir certas verdades por causa de nossas opiniões inflexíveis...

Os conhecimentos doutrinários que Kardec ofereceu ao homem superavam em muito os conceitos e paradigmas vigentes na época, e sabemos da luta que isto lhe custou. De lá para cá, várias gerações passaram e atualmente vivemos em um mundo profundamente mais complexo que atravessa um importante momento de transição.

Caíram as fronteiras do mundo cartesiano. Sentimo-nos, agora, fazendo parte do Universo cósmico, destinados a percorrer mundos estruturados em outras dimensões, onde continuaremos identificados pela consciência, manifestando-nos em corpos cada vez mais sutis, rumo à angelitude.

Lembrando que Kardec tanto relutou em considerar o aspecto religião no contexto da Doutrina, pois temia que o Espiritismo se tornasse mais uma confraria de ritos e cultos exteriores, vemos hoje cientistas e intelectuais buscando o elo de ligação entre Deus e o homem.

A tendência é entender a realidade Divina, através do estudo racional, sem a intromissão de preconceitos religiosos. Seria o inconsciente atuando como impulsor de verdades já arquivadas e facilitando agora o encontro dessas realidades maiores.

O paradigma que nos tem acompanhado oferece a idéia tradicional de um mundo "lá fora", onde a penetração está sujeita a rituais e condições várias. Uma

visão que Kardec procurou mudar, mas que infelizmente parece difícil de aceitar, mesmo por muitos que se dizem espíritas.

Carregamos a idéia, inconsciente, de que o corpo físico é um espaço dando guarida a culpas e vergonhas do passado e portanto a maioria das doenças tem origem psicossomática, porque se manifesta de dentro para fora.

O fato de não aceitarmos, racionalmente, a nossa participação no mundo “lá fora” é a forma mais conveniente para não admitir a própria responsabilidade, tanto em nível atual como de passado.

Sabemos agora que espaço-tempo não são entidades separadas, mas que constituem uma dualidade com ampla interação, porém, ainda pouco compreensível para nós.

É inegável que não conhecemos tudo a respeito de mediunidade e também observamos que este fenômeno está intrinsecamente ligado a vários outros fatores.

Sem esquecer que os conceitos usados para determinar e explicar esta questão foram estabelecidos há muito, e pouco se desenvolveu o estudo a respeito.

Começamos pela análise da palavra que diz ser o “médium” aquele que serve de intermediário com o Mundo Espiritual. A explicação está correta, mas, hoje, não podemos nos satisfazer apenas com essa definição que deu um significado muito restrito e acanhado à questão, levando muitas pessoas a estabelecerem que ser médium é ser um porta-voz dos Espíritos em momentos específicos.

É neste ponto que nos detemos e percebemos então que a realidade mediúnica vai muito além...

Fazendo uso da linguagem atual, diremos que mediunidade é, essencialmente, comunicação. Faculdade natural que permite o intercâmbio, mas é inerente a todos os homens, acompanhando-lhes o processo de desenvolvimento. Manifesta-se de acordo com certas necessidades que têm relação direta com a individualidade e características pessoais.

O contato psíquico é constante entre as mentes que povoam o Universo. É aqui que devemos adotar o novo paradigma que aposenta a idéia de “mundo lá fora”, para nos fazer participantes ativos da Vida Universal...

Estamos todos mergulhados no mesmo campo energético mas nos relacionamos de forma mais direta com aqueles que vibram na mesma sintonia. Só que esse relacionamento não acontece de forma ostensiva, mas através das ondas do pensamento e, por isso, muitos não se dão conta desta importante realidade.

Concluimos, então, que nunca estamos sozinhos mas acompanhados pela presença ou pensamento daqueles que se afinam com o teor da nossa onda mental.

Para que o homem possa adotar o melhor comportamento psíquico, é necessário conhecer como se processa o relacionamento dentro do campo mental. E sempre que se fala de campo mental humano, a questão “mediunidade” está implícita.

A função mediúnica, inseparável do ser humano, não se modificou mas a forma como o homem passou a conviver com esta força é que sofreu uma certa alteração. Acumulando mais aprendizado, nas idas e vindas do processo reencarnatório, fomos desenvolvendo nossas funções mentais e expandindo nossa capacidade de penetração em relação à sensibilidade.

Emmanuel nos diz que a mediunidade acompanhará o desenvolvimento do homem, tornando-se cada vez mais incorporada de forma natural à nossa vida.

Sabendo-se responsável pela qualidade dos pensamentos que emite, o homem cuidará para tornar-se mais atento, buscando a própria harmonia.

Esclarecido a respeito do seu potencial intrínseco e conhecendo-se a si mesmo, o homem de hoje pode expandir os limites de seu campo energético ou circuito mediúnico natural. Com conhecimento de causa, pode tornar mais proveitosa a sua atuação espiritual.

Relembrando Kardec em “O Livro dos Médiuns” (Cap. XIV, nº 159):

“Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se *que todos são, mais ou menos, médiuns.*” (...) (O grifo é nosso.)

Elaborando um maravilhoso trabalho de pesquisa, ainda que, em tempo limitado, Kardec concluiu que a mediunidade faz parte do homem. Seguindo, pois, esta assertiva, há que considerar em separado dois itens que têm a mesma origem:

a) *A condição mediúnica*: Estado permanente de ligação entre “mortos” e “vivos”, sendo que esta situação é vivida pela maioria das pessoas de forma inconsciente. Predomina qualidade da sintonia vibratória, ligando as mentes conforme o teor dos seus pensamentos.

“Há necessidade de que o médium trabalhador tenha uma bagagem de amplas informações referentes à Doutrina, ao trabalho mediúnico nas suas mais variadas questões”

b) *O momento mediúnico*: Ocasão predeterminada, onde se verifica a reunião de alguns médiuns, visando a realizar um trabalho fraterno através do intercâmbio mediúnico.

Analisando as alíneas acima, verificamos que a situação (a) é a que envolve a todos nós, indistintamente, e no entanto passa despercebida à maioria das pessoas. O ideal seria que esta condição mediúnica que nos acompanha fosse do conhecimento de todos, propiciando um melhor aproveitamento desta faculdade natural.

Já a situação (b) envolve um número restrito de pessoas, às vezes até sem o devido preparo para a tarefa, mas levadas por um apressado desejo de labutar no campo mediúnico.

O momento do diálogo mediúnico é belo, quando realizado em bases de verdadeiro amor e conhecimento. Mas devemos encarar a realidade de que poucos encarnados dispõem dessas condições de equilíbrio para desenvolver tais trabalhos.

Seria utopia acalentar a idéia de que o esclarecimento dos desencarnados depende unicamente dos trabalhos realizados pelos médiuns terrenos. É inquestionável a ajuda que estes trabalhos oferecem quando bem direcionados, mas, em certas ocasiões, o que se percebe é uma boa intenção não secundada pelo conhecimento, e por isso, impedindo um resultado satisfatório.

Há necessidade de que o *médium trabalhador* tenha uma bagagem de amplas informações referentes à Doutrina, ao trabalho mediúnico nas suas mais variadas questões e para cuja conduta o Evangelho represente uma bússola.

A Lei de Progresso faz parte dos ditames divinos e assim como o médico de hoje não usa as técnicas rudimentares de 200 anos atrás, também o médium deve ter-se aperfeiçoado pelo estudo sério, a fim de poder oferecer ao Plano Espiritual condições de maior colaboração.

Poderíamos ainda lembrar que, para muitos, o momento do diálogo mediúnico é uma comprovação da realidade do Mundo Espiritual. No entanto, não se justifica esta busca, pois, se as pessoas ainda procuram este recurso para comprovar a verdade da reencarnação, estão na realidade enveredando pelo caminho mais inseguro, uma vez que as comunicações podem também partir dos próprios encarnados, num fenômeno de emancipação da alma ou de projeção do inconsciente.

Atualmente, a reencarnação vem sendo estudada e afirmada, fora dos meios espíritas, por estudiosos gnósticos que através de linhas diferentes buscam a afirmação que o Espiritismo há muito já nos ofereceu.

Grande seria o benefício, se cada um aperfeiçoasse seus sentimentos para colaborar de forma constante num trabalho global de vibração equilibrada em favor do bem comum.

Lemos alhures que “cada filho de Deus deve ser o médico de si mesmo, e até à plena aceitação desta verdade, a criatura estará sujeita a muitos desequilíbrios”. Realmente, o aprender, o conhecer e o trabalhar são tarefas individuais para buscarmos a higidez física e espiritual. No entanto, quanto mais esclarecidos, maiores as nossas possibilidades de êxito.

A sociedade encarnada conscientizada, auto-educada e orientada pelo Evangelho, seria a rota ideal que nos levaria a um mundo mais pacífico. A parte do Mundo Espiritual que se relaciona mais diretamente com o nosso planeta também seria beneficiada, pois sabemos que existe uma constante interação de energias e vibrações entre os dois planos. E as mentes encarnadas ou desencarnadas que porventura ainda se detêm na ignorância teriam como modelo os bons exemplos que essa sociedade melhorada lhes oferecia.

A realidade mediúnica está presente em todo o contexto universal, de forma atuante, mas pouco notada por nós. Mediunidade não é somente a porta de entrada para o nosso desafio espiritual. É também a via de acesso para belas inspirações que os homens, “inconscientemente”, aproveitam para a execução de grandes projetos.

Com o avanço da tecnologia, cada vez mais as distâncias “desaparecem” no mundo terreno e as criaturas se aproximam. Atualmente, quando vivemos o apogeu da comunicação, há que se repensar a questão “mediunidade”, a primeira e mais natural via de relacionamento entre os seres humanos.

Finalizando queremos lembrar que “Mediunidade” é um dos aspectos que a Doutrina nos apresenta, sem esquecer que o Espiritismo é o consolo apoiado na verdade. •

Verdade

WASHINGTON BORGES DE SOUZA

O vocábulo “verdade” é certamente um dos que têm correspondente em todos os idiomas, de uso mais comum e com significados mais diversos.

Em sentido amplo exprime a realidade. Usado costumeiramente por eruditos e na linguagem popular está sempre presente em várias filosofias, ora com o sentido científico ora religioso. De modo vulgar é o que se opõe à mentira mas sob o aspecto religioso manifesta a idéia daquilo que é contrário ao erro ou engano, desvio do rumo certo.

Na apreciação religiosa o termo obedece a uma escala de importância, mas o seu valor maior, comum a todas as religiões, é o da existência de Deus e da alma ou Espírito. A partir desse ponto as próprias religiões divergem com referência às demais verdades, seja na conceituação do Criador, seja no que concerne aos atributos, aptidões, possibilidades, etc., da alma ou Espírito.

Por que vivemos? De onde viemos? Aonde iremos? Tudo termina com a decomposição do nosso corpo? A resposta certa para tais e muitas outras indagações da consciência é o que chamamos a verdade, em busca da qual a Humanidade se debruça nas sucessivas gerações através dos séculos e milênios.

A moderna didática da História adota a orientação de dar mais relevo ao fato ou acontecimento do que à época em que ocorreram. Entretanto, a vinda de JESUS à Terra, o drama ignominioso da cruz, as lições edificantes e redentoras deixadas no solo e nos corações sob o céu da Palestina pelo Sublime Embaixador Divino estão indelevelmente marcados para a posteridade. A personalidade augusta e clarificante do Mestre fez interromper a contagem do tempo por volta do ano 756, ou seja, contado da data de fundação da cidade de Roma. Está, pois, por findar-se o segundo milênio da era Cristã. Dentro dessa era, a partir do ano 935, que marcou a divisão do Império Romano em Oriental e Ocidental, até a tomada de Constantinopla em 1453, por Maomé II, situa-se a Idade Média, de triste memória para a Humanidade.

Durante mais de um milênio ocorreram muitos desvios de rumo do progresso e da verdade. A primeira orientação danosa a partir do século III foi o afastamento da concepção da doutrina da reencarnação ensinada por JESUS e constante das Sagradas Escrituras. A deturpação das lições do Mestre levou a Humanidade a mergulhar em trevas durante longos séculos. Em Seu nome acenderam-se fogueiras e queimaram-se corpos. Depois de perseguidos e trucidados os verdadeiros cristãos como mártires nas arenas de Roma, falsos cristãos se levantaram para implantar no Mundo tribunais inquisitoriais e cruzadas de extermínio. Protegido por iniquidades ergueu-se o Feudalismo, do qual demorou o Planeta a libertar-se, guardando ainda resquícios encravados na alma de muitas criaturas.

Durante mais de um milênio foi palco o Mundo de lutas cruentas entre a sombra e a luz deixando marcas tão profundas que ainda hoje estão estampadas em forma de orgulho, egoísmo e ignorância nas mentes que relutam em acolher o Divino Amigo e Suas sublimes lições de amor e humildade. Dada a exigüidade de uma vida encarnada, um milênio de adiantamento estancado pela incúria dos homens talvez signifique um longo período de estagnação. Todavia, a visão

cósmica da vida nos descortina panorama diverso: os erros também ensinam a caminhar.

Depois desse espaço de obscurantismo começaram a ressurgir as claridades celestiais deixadas na Galiléia, com os episódios da Renascença, das Reformas religiosas e sociais, da Revolução Industrial, da decadência de impérios e do Feudalismo e de tantos outros fatos históricos. Nestes três últimos séculos acentuou-se o progresso mais do que em todos os milênios anteriores, bastando citar a abolição da escravidão e a conquista da liberdade religiosa. Justamente na segunda metade do século XIX foi trazido ao Mundo pelos mensageiros celestiais o Consolador prometido por Jesus, com caráter e pujança universais. Inaugurou-se, assim, o assentamento de um novo marco: o da Era do Espírito!

Quem lançar um olhar sobre os acontecimentos importantes consignados pela História verá sem dificuldade que as idéias verdadeiras que os inspiraram permanecem intocadas e trazem a força capaz de vencer as eras. É o que se dá com a mensagem Cristã. Com a Doutrina Espírita o mesmo se verifica. A inquebrantável força de sua filosofia aos poucos penetra o imo das pessoas trazendo-lhes consolação, desbravando-lhes os mistérios depois do sepulcro. De posse da verdade a alma humana adquire novo alento nas trilhas da evolução. A consciência da verdade impulsiona-a para a perfeição.

Costuma-se dizer que a verdade é relativa. Há, talvez, certa impropriedade nessa assertiva. Talvez melhor fosse afirmar que certas verdades são relativas. Há até mesmo conceitos inverídicos que entretanto demoram a ser repelidos pela inteligência e pela razão. A História é farta desses exemplos que por longo tempo permaneceram impressos no entendimento humano. Mas a verdade é absoluta, pode mesmo não ter sido alcançada mas isso não a descaracteriza. A existência de Deus e da alma é típica.

A Doutrina Espírita lastreia-se nisso e parte dessa essência. Naturalmente aprofunda e amplia seu alcance. Por isso mesmo não existe nenhuma outra capaz de ultrapassá-la. São infrutíferas quaisquer investidas contra ela. Pode-se atacar seu adepto, a instituição física, jamais o conteúdo moral, ético, filosófico, religioso, científico, que se mantém fora do alcance de qualquer tentativa. Evidentemente que os seus fundamentos podem ser ou não aceitos. É questão de crer ou não nessas bases, mas desde que se aceitem aquelas duas realidades fundamentais, não há como investir contra a essência doutrinária em qualquer de seus aspectos porque atende a todos os anseios e indagações da consciência e da razão nos limites da nossa condição humana. Portanto, é inatingível, quer por atos quer por oposição de idéias.

“O Espiritismo veio revelar muitas leis desconhecidas até o seu advento tanto referentes à conduta moral quanto às relativas à matéria, abrindo, desse modo, novos horizontes à Física, à Química, à Astronomia e a todas as ciências”

Do ponto de vista físico, tanto os seguidores quanto as Instituições estão sujeitos a todas as críticas e não estão isentos de erros como quaisquer outros. Quanto à Doutrina, cumpre seja difundida, divulgados seus princípios através da abnegada ação de seus adeptos sinceros e conscientes no sentido de espalhar as bênçãos que ela proporciona a todas as criaturas.

O Espiritismo veio revelar muitas leis desconhecidas até o seu advento tanto referentes à conduta moral quanto relativas à matéria, abrindo, desse modo,

novos horizontes à Física, à Química, à Astronomia e a todas as ciências. Mas, apesar disso, há pessoas que, inadvertidamente, por incúria ou vaidade, julgam conhecê-la em sua inteireza.

Por outro lado, a Doutrina não necessita de eventuais representantes, porta-vozes ou prepostos. Quando muito, as pessoas podem representar suas instituições materiais, nunca a Doutrina, cuja essência tem feição universalista.

Quanto mais a criatura aprofundar-se na vivência e no conhecimento das leis que o Consolador traz a lume mais se capacita da necessidade de conseguir ser humilde.

Outrossim, é sempre oportuno lembrar que qualquer incursão, fortuita ou intencional, do homem sensato sobre a maneira de agir de grande maioria da Humanidade em relação à verdade da imortalidade da alma e das sucessivas reencarnações, pelas quais ela passa, conduz à lastimável conclusão: a indiferença para essas realidades!

Nações e povos os mais avançados em tecnologias e cultura estão estacionários em progresso moral, desprezando os verdadeiros valores da vida para se entregarem à conquista de bens perecíveis. A ciência materialista distanciou-se da moralidade, esquecendo-se de Deus, o que acarretará aos seus representantes um retorno penoso, em meio hostil, juncado de vicissitudes e sofrimentos, que os obrigarão a desfazer-se do orgulho, do egoísmo e das ambições para aprenderem a amar os semelhantes e a submeterem-se ao Criador.

É a insubmissão a Deus e às leis desvendadas pelo Espiritismo que torna as criaturas desditosas. Até mesmo no ambiente inspirado nas idéias do Movimento Espírita, por incúria ou imprudência, há aqueles que se insurgem contra postulados da Doutrina e tentam inovações. São as ovelhas que tresmalham temporariamente, mas voltarão, mais cedo ou mais tarde, ao rumo certo do aprisco Divino para o alcance do progresso e da felicidade pela vontade e determinação do Senhor. •

A Polêmica Beneficia a Causa do Bem?

PAULO ROBERTO WOLLMER

A divergência de opiniões, o debate das idéias na mídia e na tribuna: suas conseqüências para os leitores e ouvintes. A responsabilidade daquele que escreve e fala para muitos. O bom senso daquele que lê e ouve. O interesse da causa maior, o Espiritismo.

Amigo leitor, vamos buscar uma primeira referência na Codificação Kardequiana para iniciar a exposição de nosso pensamento a respeito do longo título deste artigo. No livro “O Evangelho segundo o Espiritismo”, capítulo XV — *Necessidade da caridade, segundo S. Paulo* — encontramos a exposição do pensamento do apóstolo Paulo na 1ª Epístola aos Coríntios, 13:1-7 e 13:

“Ainda que eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; - ainda quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. - E, quando houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.

A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se rejubila com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. Agora, estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade permanecem; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade.”

As palavras de Paulo, extraídas de seu elevado senso moral, de seu entendimento das necessidades do Espírito imortal diante das leis da evolução, do entendimento profundo da necessidade de aplicação da caridade como Jesus a aplicou, são belas e comovedoras, mas acima de tudo servem de alerta aos que se propõem a servir na seara de Jesus. Queremos nos referir aos que escrevem e falam, colocando no papel e no discurso o pensamento, atributo do espírito. Tanto o escritor quanto o orador espírita devem necessariamente atentar para o fato de que responsabilidade de um e outro é muito grande, uma vez que suas idéias chegam tanto aos que conseguem quanto aos que não conseguem discernir a respeito da idéia exposta. Vejamos o que diz Allan Kardec no livro “A Gênese”, no capítulo XIV — *Os Fluidos*:

“Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este atua sobre os fluidos como o som sobre o ar; eles nos trazem o pensamento, como o ar nos traz o som. Pode-se pois, dizer, sem receio de errar, que há, nesses fluidos, ondas e raios de pensamentos, que se cruzam sem se confundirem, como há no ar ondas e raios sonoros.”

Ponto indiscutível: escritores e oradores espíritas sempre serão responsáveis pelo que divulgarem. Em nome das “verdades pessoais”, julgando-

se maiores do que aqueles que agem e não simplesmente escrevem ou falam polemizando, muitos escritores e oradores espíritas terão que prestar contas de suas obras, o que não é nenhuma novidade para os adeptos da Doutrina. Um artigo ou uma fala que contenha erro subliminar e que por causa disso leve o leitor ou o ouvinte a conclusões errôneas ou distorcidas, sobre o assunto em questão, poderá não ser benéfico para ele, dependendo de seus conhecimentos sobre o Espiritismo. O Movimento Espírita reconhece que cada vez mais pessoas vindas de outras religiões, ou mesmo sem uma religião definida, buscam nos Centros Espíritas respostas para suas questões existenciais. *Quais os benefícios que a polêmica poderia trazer para essas pessoas? Que alívio seria levado aos seus corações através de “batalhas doutrinárias”?*

Examinemos a questão 904a, de “O Livro dos Espíritos”, formulada por Allan Kardec e respondida pelos Espíritos Superiores:

“Como, em tal caso, julgar da pureza das intenções e da sinceridade do escritor?

‘Nem sempre há nisso utilidade. Se ele escrever boas coisas, aproveitai-as. Se proceder mal, é uma questão de consciência que lhe diz respeito, exclusivamente. Demais, se o escritor tem empenho em provar a sua sinceridade, apoie o que disser nos exemplos que dê.’ ”

Recomendamos a leitura atenta do capítulo VII — *O amigo beletrista* — do livro “Devassando o Invisível”, de autoria de Yvonne A. Pereira, que mostra com uma clareza indiscutível como escritores (o exemplo vale também para os oradores) estão susceptíveis às influências dos Espíritos menos esclarecidos e vaidosos. Podemos acrescentar que Kardec teve inúmeras oportunidades de “polemizar”, enquanto trabalhava arduamente para levar a cabo sua obra, numa época em que as opiniões divergentes sobre os conceitos do Espiritismo eram muito acirradas. Kardec, em toda a sua obra, dá exemplo de uma conduta movida pela razão e bom senso, o que podemos encontrar facilmente no livro “O Que é o Espiritismo”. A proliferação de periódicos e oradores espíritas significa mais informações sobre o Espiritismo e o Movimento Espírita, e requer sempre responsabilidade e seriedade daqueles que colocam a mão na charrua. •

Esplorando o Evangelho - EMMANUEL

Além dos Outros

“Não fazem os publicanos também o mesmo?” — *Jesus*. (Mateus, 5:46.)

Trabalhar no horário comum irrepreensivelmente, cuidar dos deveres domésticos, satisfazer exigências legais e exercitar a correção de proceder, fazendo o bastante na esfera das obrigações inadiáveis, são tarefas peculiares a crentes e descrentes na senda diária.

Jesus, contudo, espera algo mais do discípulo.

Correspondes aos impositivos do trabalho diuturno, criando coragem, alegria e estímulo, em derredor de ti?

Sabes improvisar o bem, onde outras pessoas se mostraram infrutíferas?

Aproveitas, com êxito, o material que outrem desprezou por imprestável?

Aguardas, com paciência, onde outros desesperaram?

Na posição de crente, conservas o espírito de serviço, onde o descrente congelou o espírito de ação?

Partilhas a alegria de teus amigos, sem inveja e sem ciúme, e participas do sofrimento de teus adversários, sem falsa superioridade e sem alarde?

Que dás de ti mesmo no ministério da caridade?

Garantir o continuísmo da espécie, revelar utilidade geral e adaptar-se aos movimentos da vida são característicos dos próprios irracionais.

O homem vulgar, de muitos milênios para cá, vem comendo e bebendo, dormindo e agindo sem diferenças fundamentais, na ordem coletiva. De vinte séculos a esta parte, todavia, abençoada luz resplandece na Terra com os ensinamentos do Cristo, convidando-nos a escalar os cimos da espiritualidade superior. Nem todos a percebem, ainda, não obstante envolver a todos. Mas, para quantos se felicitam em suas bênçãos extraordinárias, surge o desafio do Mestre, indagando sobre o que de extraordinário estamos fazendo.

**(Do livro “Fonte Viva”, psicografado pelo médium
Francisco Cândido Xavier, capítulo 96, págs.
221 e 222, 21ª ed. FEB.)**

Refletindo Sobre a Escola

DALVA SILVA SOUZA

Verifica-se, no Brasil, que o ideal de concretizar e incrementar a educação espírita, através da criação da Escola, voltada à instrução geral e iluminada pela filosofia espírita, tem aumentado.

O idealismo de companheiros das lides doutrinárias é o inspirador dessas iniciativas que visam a contribuir para a transformação do homem como orientam as luzes do Consolador Prometido. A iniciativa é muito válida e importante, mas para atingir o cerne da questão, as atividades educacionais dessas instituições teriam que apoiar-se numa Pedagogia Espírita. As escolas espíritas, geralmente, apenas acrescentam ao currículo exigido pelas Secretarias de Educação, disciplina de cunho moral, com informações sobre a Doutrina Espírita. Uma escola espírita, todavia, deveria apresentar um novo tipo de educação com base nos princípios espíritas, teria que caminhar no sentido contrário ao da metodologia que prevalece ainda hoje no cenário da educação em nosso País.

A História nos conta que a educação ocidental foi profundamente marcada por duas correntes principais: a judaico-cristã e a greco-romana. A educação do povo israelita era essencialmente moral e religiosa, orientada para o conhecimento da verdade e da lei divina, mas não a verdade e a lei divina em seu sentido amplo; a intenção era incutir aquilo que aquela cultura já havia estabelecido como verdade e o conteúdo das revelações proféticas tidas como palavras da própria divindade. A contribuição greco-romana já nos fala de uma preocupação com a formação do homem sábio e ativo, para o que contribuiu também o ensino da literatura e da arte de modo geral. Em Roma, ensinava-se a leitura, a escrita, o cálculo e outras disciplinas práticas relacionadas às atividades comerciais e agrícolas. Havia também, tanto na Grécia, quanto em Roma, uma preocupação com a preparação para a vida militar. Mas, na Idade Média, o Estado feudal e a Igreja promoveram a interrupção da vida cultural como era compreendida na Antigüidade. A educação medieval prendia-se sobretudo à memorização e esteve na dependência quase que exclusiva dos clérigos. O Renascimento marcou uma época de forte reação contra o espírito de disciplina servil do período medieval, propôs uma retomada dos valores clássicos e, a partir daí, começaram a surgir outros interesses intelectuais além do religioso, mas isso se restringia a uma elite, o povo permanecia afastado da cultura letrada.

No Brasil, o sistema educacional esteve, desde o descobrimento, a cargo dos padres jesuítas que aqui se estabeleceram com o fim de propagar a fé. Nossa herança em termos de educação prende-se mais à corrente judaico-cristã, portanto. E o pensamento dogmático não se manteve apenas na Igreja, espalhou-se também pelas instituições educacionais. Catequizar consistia em segmentar o conteúdo a ser ensinado e propô-lo ao discípulo, cujo esforço seria o de memorizar o que já se encontrava pronto e acabado.

As instituições religiosas que se organizaram no Ocidente com base nos ensinamentos do Cristo conseguiram grandes vitórias com esta metodologia: dogmatizar e doutrinar. O segredo dessa vitória é a repetição. O indivíduo catequizado acaba municiado com uma série de idéias prontas que impede sua reação, acaba acreditando no que lhe mandam acreditar, torna-se aprisionado num pensamento que não é, na verdade, seu. Se, por um lado, isso favorece a manutenção de uma disciplina que facilita o trabalho do educador, por outro lado,

impede o desenvolvimento da criatividade e do espírito crítico do educando, que se transforma num elemento reprodutor do que já existe, sem conseguir instituir uma renovação profunda em si mesmo ou em sua vida.

Naturalmente, essa metodologia não é adequada, quando se tem em mente todas as idéias renovadoras que a Doutrina Espírita propõe e quando se pensa em construir a liberdade essencial que é a de pensar. A criança é um espírito reencarnado, com potenciais a desenvolver. A metodologia a ser utilizada numa escola espírita deveria endereçar-se a isso. A sugestão é de que os educadores espíritas se interessem pelo estabelecimento de uma Pedagogia Espírita. O caminho para isso será a constituição de equipes dispostas ao estudo das contribuições de pedagogos, filósofos e psicólogos modernos, sem esquecer, também, a contribuição dos filósofos da Antigüidade, analisando todas as proposições com base nos princípios espíritas contidos na Codificação Kardequiana, para instituir nas escolas espíritas uma nova e revolucionária proposta educacional.

Para elaborar essa Pedagogia, o conhecimento mais profundo da psique infantil na visão espírita seria a pedra fundamental. Quando o Espírito reencarna o seu perispírito liga-se ao corpo, no ventre da mãe, desde o momento da concepção, mergulhando numa total inconsciência de si mesmo. Depois do nascimento, à medida que o corpo se desenvolve, inicia-se o processo de formação da consciência pelo agrupamento gradual de fragmentos trazidos dos arquivos das experiências vividas no passado. A ação pedagógica deve facilitar esse processo. Seria preciso preocupar-se menos com a quantidade de conteúdos a serem transmitidos e observar mais o modo pelo qual estamos colocando a criança em contato com o conjunto de conhecimentos acumulados pela cultura em que vivemos.

Sócrates, na Antigüidade, imaginou um processo dialético — a maiêutica — que consistia em formular perguntas, para que o próprio indivíduo construísse um novo conhecimento. As perguntas que ele formulava continham sempre uma crítica aos dogmas estabelecidos, o que gerava o desafio para a busca de outros caminhos de reflexão. Quando tomamos contato com o pensamento dos filósofos antigos sempre nos admiramos pela sabedoria que demonstraram. Ainda hoje suas idéias são extremamente férteis. Platão também teve uma intuição muito clara. Afirmava ele que o homem já teria vivido como puro espírito, quando, então, teria contemplado o mundo das idéias, mas tudo esquecia ao se tornar prisioneiro do corpo. O mundo sensível, acessível aos sentidos, para ele, era um mundo ilusório; o mundo real e imutável seria o das idéias, somente acessível pela contemplação, isto é, por um mergulho em si mesmo. Para Platão, conhecer é lembrar.

A Doutrina Espírita comprova que o Espírito já viveu antes, só que não foi num abstrato mundo de idéias como puro espírito. Viveu outras vidas em que adquiriu experiências que se mantêm em arquivos do seu corpo energético e esteve, nos intervalos das existências, no mundo espiritual, onde pôde realizar uma avaliação do que aprendeu e traçar novos rumos evolutivos. Em uma nova vida, irá acessando aos poucos seus arquivos internos, para construir sua personalidade e desenvolver os projetos que o trouxeram de volta à vida, sempre com o objetivo de melhorar-se.

A escola é importante na vida de uma criança por abrir-lhe as portas da cultura, o que a ajuda a integrar seus conhecimentos, trazendo à tona o que já adquiriu, confrontando-o com o novo, levando-a a formar a consciência de si mesma como um cidadão do mundo, ser participante de uma sociedade. Ainda que essa criança representasse a encarnação de um Espírito com grande

bagagem de experiência anterior, seria difícil para ela, sem a contribuição da instrução formal, integrar-se produtivamente ao complexo mundo das relações sociais. Os conhecimentos facultados pela escola, quando nos ensina Geografia, História, Biologia, Matemática, Português e outras disciplinas, compõem uma visão de mundo clara, permitindo ao educando instrumentos para relacionar-se no mundo em que vive em pé de igualdade com seus semelhantes, sem ser levado de roldão pelas circunstâncias ou por aqueles que utilizam seus próprios conhecimentos para levar vantagens sobre os outros. São conhecimentos que instrumentalizam a criança para viver no mundo, mantendo sua liberdade essencial, mas o modo como até hoje essa instituição vem atuando acaba por criar também amarras a essa mesma liberdade, pois inibe a emergência da criatividade e do pensamento crítico. Daí a importância de as escolas espíritas instituírem uma nova e revolucionária pedagogia.

“Uma pedagogia espírita estaria comprometida com o imperativo de mostrar ao educando que ele pode atingir o conhecimento de que necessita para viver no mundo, de maneira crítica e criativa”

Segundo Descartes, na hierarquia dos bens, o lugar supremo deve ser conferido à liberdade, não ao saber. “Não basta julgar bem para agir bem, porque a moral não deriva apenas do conhecimento.” A pedagogia tradicional, contudo, privilegia o conhecimento e coíbe a liberdade, desviando-se do propósito essencial da ação educadora. Uma pedagogia espírita estaria comprometida com o imperativo de mostrar ao educando que ele pode atingir o conhecimento de que necessita para viver no mundo, de maneira crítica e criativa. Teria como objetivo fundamental o propósito de ensinar às crianças como adquirir conhecimentos e o que fazer com eles, para satisfazerem as suas próprias necessidades, assumindo a responsabilidade pelas próprias escolhas. A criança, com o modelo educacional que ainda está em vigor, não se desenvolve como um ser inteiro, capaz de manifestar sua espontaneidade e de agir criativamente, modificando o mundo, pela escolha livre de caminhos de crescimento e interação social renovadora. A metodologia a ser utilizada numa escola espírita teria que ser, portanto, diferente. Aí está o grande desafio aos educadores, mas a motivação também é forte, uma vez que compreendemos que somos chamados ao campo da educação para contribuir decisivamente na construção dos tempos novos, mas faz-se urgente criar as condições de nos tornarmos escolhidos, pela busca consciente e firme de trabalhar com Jesus. •

O Humanismo Cristão e a Palingenesia

CARLOS BERNARDO LOUREIRO

Desde pristinas eras que a crença na reencarnação é admitida e cultivada, constituindo-se a base das religiões primordiais. Louis Jacolliot (“Manou — Moise — Mahomet”, Paris 1892), um dos maiores e profundos estudiosos das antigas civilizações, elucida: “O mito da transmigração das almas é talvez o primeiro sistema filosófico que se há produzido no mundo sobre a imortalidade e a origem do homem.”¹

Afirma-se que o Código de Manu (Manarva Dharma-Sastra) é o núcleo primordial das crenças religiosas. No seu LIVRO XII, *Manu — O Legislador* —, trata do destino das almas após a morte:

“Após a morte, as almas dos homens que cometeram más ações tomam um outro corpo, para a formação do qual concorrem os cinco elementos sutis, e que é destinado a ser submetido às torturas das zonas inferiores.”

No PAPIRO ANANA (1320 a.C.) registram-se, indelévels, estes conceitos palingenésicos:

“O Homem retorna à vida várias vezes, mas não se recorda de suas prévias existências, exceto algumas vezes em um sonho, ou como um pensamento ligado a algum acontecimento de uma vida precedente. Ele não consegue precisar a data ou o lugar desse acontecimento, apenas nota lhe serem familiares. No fim, todas essas vidas lhe serão reveladas.”

Outros manuscritos egípcios, de épocas ainda mais remotas (3000 a.C.), referem-se claramente à reencarnação, observando as recordações de vidas passadas manifestadas por crianças.

Na Grécia, a doutrina da palingenesia encontrou franca receptividade, quando a trouxeram do Egito. Há quem afirme que o filósofo Ferecides de Siros e seu discípulo Pitágoras teriam sido os primeiros a difundi-la na pátria da Filosofia. Esse princípio fora adotado por Platão, que o fundamentou em duas razões, no “Phedon”. A primeira é que, na Natureza, a morte sucede à vida, e, sendo assim, é lógico admitir que a vida sucede à morte, porque nada pode nascer do nada, e se os seres que vemos morrer não devessem mais voltar à Terra, tudo acabaria por se absorver na morte. A segunda baseia-se na reminiscência, porque afirma o filósofo, aprender é recordar. “Ora” — proclama — “se nossa alma se lembra de já ter vivido, antes de descer ao corpo, por que não acreditar que, em o deixando, poderá ela animar sucessivamente muitos outros?”

Segundo pesquisas do engenheiro e pesquisador francês Gabriel Delanne (“A Reencarnação”, FEB), havia na antigüidade grega dois ensinamentos: um para a multidão, outro para os homens instruídos, aos quais se revelava a verdade, depois que eles tinham passado pela iniciação, a que chamavam MISTÉRIOS.

Dizia Porfírio:

“Nossa alma deve ser, no momento da morte, tal como era durante os mistérios, isto é, isenta de paixões, de inveja, de ódio e de cólera.”

Ensinava-se intramuros:

- A Unidade de Deus.
- A pluralidade dos mundos e a rotação da Terra, tal como foi (re)afirmada por Copérnico e Galileu.
- A Palingenesia.

A Escola Neoplatônica de Alexandria (Século III, d.C.)

O neoplatonismo é uma renovação ou ressurgimento de aspectos fundamentais do platonismo. O neoplatonismo, como escola, teve início com Amônio Sacas. A principal figura do neoplatonismo é Plotino (205-270), cujos escritos foram reunidos por seu discípulo Porfírio sob o título de “Enéadas”, onde ensina o princípio da reencarnação, conforme consta no livro IX:

“A providência dos deuses assegura a cada um de nós a sorte que lhe convém, e que é harmônica com seus antecedentes, conforme suas vidas sucessivas.”

O pensamento de Plotino é profundo quando tenta explicar o real como fundamento no divino Um (fusão da tradição platônica com neopitagorismo) transcendente e inefável do qual emanariam os três graus de realidade: o intelecto, a Alma, o mundo sensível.

Jâmblico, representante do neoplatonismo na Escola Síria, define, em poucas palavras, a doutrina da pluralidade as existências:

“A justiça de Deus não é a justiça dos homens. O homem define a justiça sob o ponto de vista de sua vida atual e de seu estado presente. Deus a define relativamente às nossas existências sucessivas e à universalidade de nossas vidas. Assim, as penas que nos afligem são, muitas vezes, reflexos de erros praticados pela alma em vida(s) anterior(es).”

Desse modo, não há acaso nem fatalidade, mas a sábia e soberana justiça de Deus que rege os trâmites da existência do ser (re)encarnado em qualquer latitude terrena, independente da convicção religiosa, política, posição econômica e social. Não se pode e nem se deve falar em “castigo divino”; Deus não castiga, porque não se ofende! Ele reconhece que somos Espíritos que lutam contra as suas próprias inferioridades morais, fato gerador de desequilíbrio e de atitudes insensatas. Não é realmente sem razão que Jesus, o Cristo, afirmou quando de sua luminosa estada neste plano: “Bem-aventurados aqueles que têm fome e sede de justiça, porque serão satisfeitos.” É justo pensar que o Mestre se refere à justiça divina, única, em verdade, que pode satisfazer às aspirações humanas, ou, mais precisamente, ao Espírito, esteja ele (re)encarnado ou desencarnado. Em não se interpretando dessa forma o pensamento crístico, corre-se o risco de a sentença tornar-se incompreensível, porque, mesmo em tese, a justiça humana nem sempre é eficaz, nem sempre satisfaz, porquanto é dinâmica, porque imperfeita, e assentada em valores que ignoram, por inteiro e profundamente, a nossa natureza espiritual. Observa-se que a Mensagem de Jesus é essencialmente imortalista e palingenésica. Dirige-se, o Mestre, ao Ser Imortal, reencarnado, subsidiando-o em sua luta sucessiva, vida a vida, a caminho da perfeição...

O neoplatonismo não se opunha ao Cristianismo como registram alguns historiadores. Afinal de contas, os valores e idéias cristãos se identificavam plena e efetivamente com aqueles defendidos na famosa Escola. A verdade é que o neoplatonismo começou a entrar em conflito com o Catolicismo, cuja doutrina, elaborada ao talante de oportunas concepções humanas, distanciava-se, acentuadamente, do Cristianismo. Com o Edito de Justiniano em 529, fecharam a Escola, num gesto de franco autoritarismo e de espírito de sistema, e os seus mais ilustres mestres foram implacavelmente perseguidos e torturados. Dava-se início, a partir desse ato escandaloso de intolerância e covardia, à longa e tristíssima história de uma organização que, pretensa e tresloucadamente, imagina representar, neste Orbe, onde se alastra o sofrimento e o desespero, a perfeita Justiça de Deus...

Mais tarde, já nos pródromos do Renascimento, eclode, insopitável e luminosamente, o neoplatonismo em diversas direções: por um lado, ressalta-se a Academia Platônica Florentina, onde brilha o talento de Marsílio Ficino (1433-1499); por outro lado, refulgem o pensamento polimorfo de Nicolau de Cusa (1401-1464) e a filosofia natural de Giordano Bruno (1548-1600), o mártir intelectual da Renascença; e, afinal, a gloriosa Escola Neoplatônica de Cambridge, onde resplandecem os nomes de Henry More, John Smith e Cudworth. Na modernidade, além das correntes da filosofia de vanguarda admitirem abertamente sua filiação ao neoplatonismo, deve-se assinalar a sua inquestionável influência sobre o idealismo alemão, particularmente sobre Schelling e Hegel...

Reabilitava-se, assim, uma das mais lídimas expressões do Espírito, neste Orbe, julgada pela intolerância e sectarismo religiosos. Volvia-se, destarte, ao Humanismo cristão, em pureza e transcendentalidade. O homem é aquele ser trino (corpo, perispírito, Espírito), palingenésico, que desenvolve, a duras penas, as suas potencialidades imanentes. Não é ele uma simples entidade psicofísica ou biológica, redutível a um conjunto de fatos explicáveis (quando explicáveis) pela Psicologia, pela Física, pela Anatomia, pela Biologia... e pela Religião! No homem há uma possibilidade íntima e espiritual de inovação e superação. Afirma-se que a Natureza se repete, de acordo com a fórmula de todos conhecida — segundo a qual tudo se transforma e nada se cria. Mas, o homem representa algo que é um acréscimo à Natureza — a sua capacidade de síntese, tanto no ato instaurador de novos objetos de conhecimento como no ato constitutivo de novas formas de vida.

No centro dessa concepção axiológica situa-se a idéia do homem como ente que *é* e *deve ser*, tendo consciência dessa dignidade. É dessa consciência que nasce a idéia de pessoa, segundo a qual não se é homem pelo fato de existir, mas pelo significado ou sentido da existência. Diria, a propósito, o Professor Miguel Reale: “Quando analisamos o problema do homem, toda a Ontologia se resolve em Axiologia, abrindo-se as perspectivas da Metafísica.”

Em verdade, é só do homem que sabemos que *é* e, ao mesmo tempo, *deve ser*, mas é perfeitamente admissível que a mesma questão seja proposta à totalidade dos seres. Entretanto, só o homem é um ser que inova, e é por isso que somente ele é capaz de valorar. No fundo, chega-se à conclusão de que o problema do valor reduz-se à espiritualidade humana.

Em síntese: o homem, cujo *ser* é o seu *deve ser*, construiu o mundo à sua imagem e semelhança, razão pela qual todo bem cultural só *é* enquanto *deve ser*, e a “intencionalidade da consciência” se projeta e se revela como intencionalidade transcendental na História das Civilizações.

Contra essa tese de que a pessoa é o valor-fonte de todos os valores, que tem como corifeu o ilustre filósofo e jurista Miguel Reale, encontraria a sua antítese nesta afirmação de Émile Durkheim: “(...) essa auréola de santidade da qual está hoje investida a pessoa humana é de origem social.” (“Jugéments de Valeurs et Jugément de Réalité”.)

O ilustre sociólogo, data vênua, parece que confundiu o aspecto puramente genético com o aspecto espiritual palingenésico. O fato de o homem só vir a adquirir consciência de sua personalidade em dado momento da vida social não elide a verdade de que o social já estava no ser mesmo do homem: a tomada de consciência do valor da personalidade é uma expressão eminentemente de interação do Espírito com o ser social, “uma projeção” — acrescenta Reale — “temporal, em suma, de algo que não teria se convertido se não fosse intrínseca ao homem a condição transcendental de ser pessoa”.

Ademais, e sentencia o autor de “A Doutrina de Kant no Brasil”:

“A sociedade é essencial à emergência dos valores, como diz Cuvillier (“A Sociedade não é a fonte dos valores (...)); mas, essa emergência é condicionada pelo valor transcendental e intrínseco no homem.”

E conclui:

“Por outro lado, a pessoa, como autoconsciência espiritual, é o valor que dá sentido a todo o evoluir histórico, ou seja, o valor a cuja atualização tendem os renovados esforços do homem em sua faina civilizadora.”

Daí afirmar-se que o homem quando se põe a estudar a cultura, não faz senão estudar a si mesmo, na riqueza imperecível de suas energias criadoras, reconhecendo-se o Espírito nos feitos da História.

O mundo dos valores e da cultura tem sido objeto da preocupação maior de pensadores, desde os primeiros vagidos das cogitações filosóficas. Entretanto, foi a partir da segunda metade do século XIX, época em que Kardec lançava, em Paris, “O Livro dos Espíritos”, que iria lançar luzes novas aos problemas do Ser, que se iniciou um formidável movimento de resgate de valores até então encerrados nas criptas da intolerância religiosa.

1. Émile Durkheim (1858-1917) notável sociólogo francês, em sua obra “Les Formes Élémentaires de La Vie Religieuse” (Paris, Alcan, 1912), reafirma o pensamento de Jacolliot, e vai mais além, citando o Totemismo. “Aí se identifica”, prossegue Durkheim, “a origem das idéias religiosas destinadas a tomar, mais tarde (como efetivamente tomaram), imenso desenvolvimento, idéias de Espírito e de Deus”.

O Totemismo australiano, v.g., admite que cada corpo humano abriga um ser interior, um Espírito. Cada vez a alma de um antepassado reaparece num corpo novo. Na morte, ela entra na região das almas, voltando, depois, a encarnar-se.

As pesquisas vêm demonstrando que o Totemismo desempenhou expressivo papel na história espiritual da Humanidade. MacLennan aproxima-o das religiões da antigüidade e Robertson Smith das religiões dos semitas. Entretanto, o antropólogo inglês Sir James George Frazer (1854-1941) conseguiu reunir uma gama considerável de informação sobre a saga do Totemismo, publicando-a, em quatro volumes, sob o título — “The Golden Bough”.

Espiritismo e Construtivismo

MARCUS ALBERTO DE MARIO

Quando de sua publicação, na década de setenta, o livro “Psicogênese da Língua Escrita” iniciou uma autêntica revolução nos processos de alfabetização, lançando a chamada teoria do Construtivismo. Entretanto, sua autora não é uma inovadora, mais sim uma continuadora das pesquisas da Psicologia Genética realizadas pelo biólogo e psicólogo Jean Piaget, de larga aplicação na educação.

Estamos falando da educadora argentina Emilia Ferreiro, hoje radicada no México, atualmente professora e pesquisadora do Centro de Investigações e de Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional do México e que obteve o doutorado em Psicologia pela Universidade de Genebra com tese orientada por Piaget, de quem era uma de suas colaboradoras.

Analisando as interpretações que as crianças dão à escrita, descobriu que elas constroem seu próprio processo de alfabetização, vivendo conflitos cognitivos para chegar ao sistema alfabético. Suas idéias, como enfatiza, não são um guia para o professor. Ao contrário, fornecem elementos de reflexão e dão fundamentação teórica para o processo evolutivo de descoberta da criança.

Eis algumas de suas constatações:

“Nenhuma criança chega à escrita ignorando totalmente a língua escrita. Elas não aprendem porque vêem e escutam ou por ter lápis e papel à disposição, e sim porque trabalham cognitivamente com que o meio lhes oferece.”

“Para aprender a ler e a escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento, através da reconstrução do modo como ele é produzido. Isto é, é preciso reinventar a escrita. Os caminhos dessa reconstrução são os mesmos para todas as crianças, de qualquer classe social.”

“Um dos maiores danos que se pode fazer a uma criança é levá-la a perder a confiança em sua própria capacidade de pensar.”

Quando ela se refere ao trabalho cognitivo significa que a criança está utilizando as aptidões mentais que possui.

As idéias de Emilia Ferreiro, assim como as de Jean Piaget, calcadas em pesquisa séria e longos estudos, encontram eco no Espiritismo, na realidade imortal da alma que este proclama. Dizemos que aos dois pesquisadores faltou apenas o dado espírita, o que alargaria sensivelmente as conclusões a que chegaram.

A tese básica do Espiritismo é a da educação do Espírito, visto este, na vida presente, sob o ponto de vista especial de um ser reencarnado, onde o corpo físico possui real importância, mas para a evolução do Espírito. Este, dotado de inteligência, que lhe constitui a individualidade moral, depende, durante a reencarnação, para a manifestação de suas potencialidades, do grau de superioridade moral e intelectual que tenha já alcançado e do estado do corpo que lhe serve de instrumento. E aprofundando essa tese básica, encontramos na questão 352 de “O Livro dos Espíritos”:

“Imediatamente ao nascer recobra o Espírito a plenitude das suas faculdades?”

‘Não, elas se desenvolvem gradualmente com os órgãos. O Espírito se acha numa existência nova; preciso é que aprenda a servir-se dos instrumentos de que dispõe.’ ” (...)

A aptidão mental que a criança possui não é uma mera formulação genética, mas sim fruto das conquistas efetuadas em vidas passadas e que se encontram gravadas no Espírito, o qual pouco a pouco as coloca através do corpo físico que lhe serve de manifestação das faculdades.

“Desde que se trate de uma criança, é claro que, não estando ainda nela desenvolvidos, não podem os órgãos da inteligência dar toda a intuição própria de um adulto ao Espírito que a anima. Este, pois, tem, efetivamente, limitada a inteligência, enquanto a idade lhe não amadurece a razão (...).” Este é o ensino dos Espíritos Superiores ditado a Allan Kardec e que se encontra na questão 380 de “O Livro dos Espíritos”.

Realmente, para aprender a ler e escrever deve a criança ser trabalhada no desenvolvimento de seus órgãos físicos, facultando-se-lhe, conforme os estágios de desenvolvimento desses órgãos, o exercício das idéias inatas que possui, trazidas das inúmeras experiências reencarnatórias, e que o uso da inteligência irá demonstrar. A criança já possui um mundo em si mesma, construído no processo evolutivo, por isso a alfabetização não pode ser uma imposição de fórmulas silábicas ou fonéticas extraídas de manuais que não traduzem sequer o aspecto real da atual encarnação.

Antes da Psicologia Genética, o Espiritismo já proclamava a necessidade de uma nova metodologia educacional, tendo por base a realidade do Espírito imortal. Enquanto o Construtivismo se atém ao estudo e aplicação de um modelo metodológico mais racional de alfabetização, ou reconstrução da palavra escrita, lida e falada, o Espiritismo lhe abarca as idéias e estende pesquisas e conclusões num sentido filosófico de finalismo superior: a construção do homem de bem, onde trabalhar o senso moral deve ter preponderância sobre o aspecto intelectual, ou cognitivo, sem o descartar, mas antes fazendo uma feliz conjugação pedagógica.

O Construtivismo é um bem educacional que pode e deve ser alargado pelo conhecimento espírita. A capacidade de pensar é apanágio do Espírito e compete à educação dar-lhe condições para isso, onde ele aprenderá o bom uso da razão para fazer um mundo melhor, dando a seu semelhante o que ele mesmo gostaria de receber. Assim, devemos levá-lo a caminhar com seus próprios recursos, construindo-se. A missão da educação consiste em levar o Espírito a compreender e praticar a lei divina com os recursos reencarnatórios que por ora possui.

Quanto à teoria de Vygotsky de que a construção do ser se dá no relacionamento social, nessa relação do eu com o outro, lançando o Construtivismo Social, isso não é novidade para o Espiritismo, que há 140 anos proclama a lei de sociedade e mostra que a reencarnação fortalece os laços de família e convivência social, levando o Espírito a autoconhecer-se e a construir sua caminhada evolutiva através da ação no bem e no amor com o próximo.

É condição para a evolução individual:

- 1º) fazer o bem tendo em vista o próprio bem; e
- 2º) fazer o bem tendo em vista o bem do próximo.

Temos, portanto, um construir individual e um construir coletivo que interagem, como ensinam os Espíritos Superiores na resposta à questão 629 do livro básico da Codificação.

Essa interação com o próximo, nas chamadas relações interpessoais, deve ter por base o amor, pois, como nos lembra Herculano Pires, a educação é um ato de amor – esse sentimento maior exemplificado por Jesus – esclarecendo consciências, despertando a sensibilidade, aguçando o aprofundamento cultural em benefício do progresso comum e fazendo desabrochar no homem a prática das virtudes. É a educação construindo, levando o Espírito à sua perfeição na medida em que ele realiza, com os estímulos do amor, o desenvolvimento de todas as suas potencialidades.

Quem está dizendo tudo isso não é o Construtivismo, que tem por base a Psicologia Genética, mas o Espiritismo, com sua base no Espírito imortal e na reencarnação.

Se Piaget, Ferreiro, Vygotsky e outros pesquisadores tivessem o conhecimento espírita, decerto ampliariam consideravelmente suas pesquisas e conclusões, todas elas válidas e importantes, porque compreenderiam que o verdadeiro caminho da educação está no Espírito – onde se situariam as estruturas cognitivas a que se referem –, pois é nele e com ele que construímos o caráter, cerne da educação moral, como nos lembra Allan Kardec na questão 917 de “O Livro dos Espíritos”.

E podemos concluir: ao Construtivismo, do qual reconhecemos a importante contribuição educacional, falta o complemento do Espiritismo; e aos educadores espíritas – muitos deles deslumbrados com a pesquisa construtivista – falta aprofundamento no estudo desta que é a doutrina de construção do ser imortal, pois se o Construtivismo desvenda as estruturas do “eu biológico e social”, o Espiritismo descortina o “eu espiritual superior”, criado por Deus, conjugando os “dois eus” em perfeita harmonia há mais de um século e com toda profundidade. •

Terapia do Evangelho

Amigos,

Lícito é que procuremos a cura de nossos males físicos, empregando os recursos terapêuticos que a bondade de Deus coloca ao nosso dispor através dos profissionais da saúde. Não olvidemos que o socorro dos Mentores Espirituais, em se tratando da saúde humana, nem sempre se faz por meio de recursos estranhos à metodologia médica, principalmente porque seus representantes, quando conscientes da responsabilidade que assumiram perante o Médico das Almas, constituem-se em instrumentos da Vontade Divina junto aos necessitados da jornada terrena.

Todavia, é preciso considerar a responsabilidade do doente ante as causas desencadeadoras do mal que o infelicita. Originando-se todas no campo moral, o principal agente terapêutico será unicamente a aplicação em si do remédio salvador, que outro não é senão o Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo.

Indubitavelmente, nas atitudes de egoísmo, de orgulho e de vaidade extremados, cultivados por anos e anos nas diversas etapas reencarnatórias, encontraremos as causas dos desajustes vibratórios expressos na estrutura do perispírito, a ofertarem aos desafetos e comparsas do passado as condições de afinização vibratório-magnética que podem, de per si, não só desencadear os processos patológicos como também agravar os já existentes.

Quando a criatura alia aos recursos terapêuticos da medicina humana – quer os de natureza homeopática ou alopática, quer os da chamada medicina alternativa – o esforço constante em buscar o autoconhecimento para melhor reeducar-se nas lições da Boa-Nova, tais recursos terão sua ação potencializada e seus efeitos sobre a saúde serão mais sentidos.

Ao reeducar-se à luz das lições imorredouras do Médico das almas, ao aceitar as dificuldades da vida como um reflexo dos desmandos do passado, encarando-as como oportunidades preciosas para o progresso rumo à Luz Maior, a criatura se furtará a muitos males evitando agravamentos do seu estado físico.

Por mais eficazes possam ser os recursos da tecnologia da saúde colocados à nossa disposição, é preciso também considerar o mérito de cada um perante a Medicina Divina, bem como o papel regularizador das vibrações perispirituais desajustadas pelas infrações às Leis Divinas, manifestadas na doença física. Esta, muitas vezes, é o agente rearmonizador do ser com a própria consciência, e, neste caso, os recursos tecnológicos representarão apenas a Bondade Celestial agindo para fornecer à criatura as condições materiais que lhe permitam expiar seus débitos morais até o fim e, desse modo, libertar-se não apenas do mal físico mas, sobretudo, do mal vibratório que gerou o primeiro em nível perispiritual.

Em todas as circunstâncias difíceis de nossa saúde, amigos, recorramos ao Mestre, aplicando o seu Evangelho como recurso terapêutico por excelência.

Supliquemos-lhe forças para tudo suportar com mansidão e paciência. Peçamos-lhe a coragem com que lutemos contra nossas más tendências e sigamos seus exemplos.

Muita paz!

DIAS DA CRUZ

(Mensagem recebida psicograficamente pela médium Tânia de Souza Lopes, em reunião pública de 19-9-97, na Sede Seccional do Rio de Janeiro-RJ.)

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

O Conselho Superior da Federação Espírita Brasileira, em reunião realizada em 21 de março de 1998, elegeu, por unanimidade, seu Presidente e os membros do Conselho Diretor, da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal. Os órgãos da administração ficaram assim constituídos:

CONSELHO DIRETOR

| | |
|-------------------------|--------------------------------|
| Presidente | – Juvanir Borges de Souza |
| Vice-Presidentes | – Cecília Rocha |
| | – Nestor João Masotti |
| | – Altivo Ferreira |
| | – Lauro de Oliveira São Thiago |

DIRETORIA EXECUTIVA

| | |
|---|---|
| Secretário-Geral | – Alberto Nogueira da Gama |
| 1º Secretário | – Arthur do Nascimento |
| 2º Secretário | – Affonso Borges Gallego Soares |
| 1º Tesoureiro | – Ilcio Bianchi |
| 2º Tesoureiro | – José Salomão Mizrahy |
| Diretor do Setor Gráfico | – José Salomão Mizrahy |
| Diretora do Deptº de Assistência Social | – Clara Lila Gonzalez de Araújo |
| Diretora do Deptº de Infância e Juventude | – Rute Ribeiro |
| Diretor do Deptº de Esperanto | – Affonso Borges Gallego Soares |
| Diretora do Deptº de Estudo do Espiritismo | – Marta Antunes de Oliveira |
| Diretores | – Paulo Roberto Pereira da Costa, José Carlos da Silva Silveira, Tânia de Souza Lopes, Edna Fabro, Geraldo Campetti Sobrinho, Evandro Noleto Bezerra e Amaury Alves da Silva |

CONSELHO FISCAL

Cesar Augusto Lourenço Filho, Danilo de Castro Silva e Sérgio Thiesen

Suplentes

Hernani Trindade Sant'Anna, Alamir Gomes de Abreu e Eliphaz Levi Garcez Maia

ASSESSORES DA PRESIDÊNCIA

O Presidente indicou e o Conselho Diretor aprovou os nomes dos confrades José Carlos Zicari da Costa, José Yosan dos Santos Fonseca, Gal. Sady Guilherme Schmidt e Zêus Wantuil para Assessores da Presidência.

A Direção de REFORMADOR ficou assim constituída:

| | |
|--------------------|--|
| Diretor | – Juvanir Borges de Souza |
| Diretor-Substituto | – Altivo Ferreira |
| Redatores | – Lauro de Oliveira São Thiago e Evandro Noleto Bezerra |
| Secretário | – Iaponam Albuquerque da Silva |
| Gerência | – Amaury Alves da Silva |

A Indulgência

PAULO DE TARSO SÃO THIAGO

“Quem de vós estiver sem pecado, seja o primeiro a lançar-lhe uma pedra” – Jesus. (JOÃO,8:7.)

Uma das características nefastas que grassam nas comunidades humanas é a maledicência. É sintoma de inferioridade espiritual e sinaliza a presença, no coração do homem, de sentimentos opostos ao amor e à misericórdia. Em conluio com a crítica acerba e impiedosa, pode destruir um ser humano, ao colocá-lo, perante a opinião pública, em situações muitas vezes vexatórias ou insustentáveis.

Há pessoas que passam a vida a perscrutar os defeitos alheios e a divulgá-los de forma furtiva ou ostensiva. Por vezes, sentem mesmo prazer em fazê-lo. É o caminho que encontram para satisfazer o inconfessável desejo de rebaixar o próximo ao nível em que se situam. As conseqüências concretas sobre a pessoa atingida podem depender dos processos empregados, que variam desde o mexerico, o “diz-que-diz-que”, até o uso dos meios de comunicação de massa. É importante ressaltar que, mesmo sendo verídico o que se divulga, a única justificativa para fazê-lo seria a sincera intenção de contribuir para o bem social. Ainda assim, devem prevalecer a transparência, a sinceridade e a lealdade.

Há que se distinguir, com clareza, a difamação e a crítica despudorada, cujos objetivos sempre são de ordem inferior, da crítica construtiva, do direito e do dever de cada cidadão em participar das transformações positivas da sociedade humana.

Para dar maior consistência a essas idéias, socorremo-nos, como freqüentemente o fazemos, do supremo modelo para a Humanidade: Jesus de Nazaré, o Cristo de Deus. Durante os três anos de sua pregação, Ele deixou a semente que viria revolucionar a ética comportamental e as relações humanas. A Sua mensagem-síntese de amor ao próximo, de cunho universalista, que compreende a misericórdia e a caridade, estava destinada a substituir os rígidos preceitos morais que vigoravam nas sociedades da época, calcados numa justiça draconiana, na profunda desigualdade entre os homens, na rígida estratificação social e na difundida e abjeta escravização dos povos submetidos.

O amor entre os homens induz a atitudes de indulgência e de tolerância, porque gera a percepção íntima de que as imperfeições são ainda parte integrante da condição humana. Jesus procurou enfatizar a importância de tais atitudes, como fatores contributivos à concórdia e à paz. Ele também condenava duramente a hipocrisia, parceira freqüente da intolerância e, por diversas vezes, deixou isso patente, ao se dirigir a escribas e fariseus.

A passagem em epígrafe, transcrita parcialmente do Evangelho de João, deixa claro o pensamento do Mestre, no que tange à indulgência. Vale a pena reproduzi-la na íntegra:

“Entretanto, os escribas e os fariseus trouxeram-Lhe uma mulher apanhada em adultério e, depois de a colocarem no meio, disseram-Lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. Ora, Moisés na Lei, manda-nos apedrejar tais mulheres. E tu, que dizes? Isto diriam eles para Lhe armarem uma cilada, a fim de terem de que O acusar. Mas Jesus, inclinando-Se, pôs-se a escrever no chão com

o dedo. Como persistissem em interrogá-lo, ergueu-Se e disse-lhes: Quem de vós estiver sem pecado seja o primeiro a lançar-lhe uma pedra! E, inclinando-Se novamente, recomeçou a escrever no chão. Eles, porém, quando isto ouviram, foram saindo um a um, a começar pelos mais velhos, ficou só Jesus com a mulher, que continuava ali no meio. Jesus ergueu-Se e disse-lhe: Mulher onde estão eles? Ninguém te condenou? Ela respondeu: Ninguém, Senhor. Nem Eu te condeno, volveu-lhe Jesus. Vai e doravante não tornes a pecar.”¹

Observe-se que, a título de curiosidade, o evangelista refere que Jesus, por duas vezes, *pôs-se a escrever no chão com o dedo*, o que é, no mínimo, intrigante. O que escrevia o Mestre naquela ocasião? Será que Ele traçava rabiscos a esmo? Pode-se supor muita coisa a respeito. Há interpretações no sentido de que Jesus escrevia na areia a lista de pecados e imperfeições atinentes aos escribas e fariseus ali presentes naquele momento. É uma hipótese bastante razoável e que se harmoniza perfeitamente com o diálogo ocorrido.

O que há de sublime em tudo o que foi exposto é a lição de indulgência e de tolerância deixada, não só aos contemporâneos, mas também às gerações futuras. Mesmo Ele, Espírito angélico, guia e modelo da Humanidade, eximiu-se de condenar a adúltera. Como então poderiam condená-la aqueles homens, ainda dominados pelo orgulho, pela vaidade, pelo egoísmo e pela impiedade?

Note-se que Jesus recomendou àquela mulher que não tornasse a pecar, demonstrando com isso não ser conivente e nem tolerante com o pecado. Era porém indulgente com o pecador que, em última análise, é criatura de Deus em luta acirrada consigo mesma, em busca do aperfeiçoamento espiritual. Ele considerava toda a humanidade como Seu rebanho e era Seu supremo objetivo conduzi-lo ao aprisco, em conformidade com os desígnios do Pai.

Se tratava às vezes com certa dureza algumas das Suas ovelhas, não era porque se deixasse dominar pela cólera. Tal não condizia com a grandeza espiritual do Mestre. É que Ele aproveitava todas as ocasiões para transmitir aos interlocutores, de forma prática e direta, os Seus ensinamentos. O Seu objetivo era didático e o Seu método pedagógico, incisivo. Insistia em que os homens se preocupassem, antes de mais nada, em se conhecer a si próprios, em perscrutar a intimidade do ser e da consciência. Frequentemente somos magnânimos com as nossas imperfeições e implacáveis com o nosso próximo. Fazemos uma falsa imagem de nós mesmos, realçando as virtudes e minimizando os vícios.

Na Antiga Grécia, existia, na cidade de Delfos, um santuário oracular ao deus Apolo (hoje em ruínas), construído por volta do ano 800 a.C. Diz a História que os chamados Sete Sábios, entre os quais figuravam Tales de Mileto (624-546 a.C.), e Solón, o legislador, mandaram gravar no átrio daquele templo algumas máximas de cunho ético-moral. Entre elas constava a famosa frase: **“Conhece-te a ti mesmo”**.²

Sócrates (470-399 a.C.), em suas prédicas, frequentemente repisava o assunto, estabelecendo o autoconhecimento como condição indispensável à aquisição das virtudes, especialmente da humildade.³

Mateus (7:1-5) e Lucas (6:37) reproduzem o pensamento de Jesus, segundo o qual há que se ter extrema cautela em julgar os outros, justamente porque, de regra, falta a autoridade moral para fazê-lo.⁴ A transcrição que se segue é a versão de Mateus, menos lacônica que a de Lucas:

“Não julgueis para não serdes julgados, pois, conforme o juízo com que julgardes, assim sereis julgados; e, com a medida com que medirdes, assim sereis medidos. Por que reparas no argueiro que está no olha do teu irmão, e não vês a trave que

está no teu olho? Como ousas dizer a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, tendo tu uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e então veras para tirar o argueiro do olho do teu irmão.”

O leitor desavisado, que interpretasse estas palavras segundo o rigor da letra, seria induzido a pensar que Jesus se contrapunha às instituições jurídicas, ao processo educativo e a quaisquer posicionamentos críticos, os quais pressupõem idéia de juízo. Evidentemente não deveria ser este o pensamento do Mestre. Se assim fosse, Ele estaria condenando as sociedades humanas ao caos, à desagregação, à autodestruição. A Humanidade não estava e ainda não está suficiente madura e evoluída para se permitir abrir mão de seus mecanismos de controle. À medida que nos despojarmos das nossas imperfeições, o Mundo irá prescindindo de tais mecanismos. A liberdade, em última análise está na razão direta da responsabilidade, a qual é proporcional a evolução espiritual.

O cerne do pensamento de Jesus, nas passagens aqui transcritas, resume-se na apologia da indulgência, da tolerância e da misericórdia e na condenação veemente da hipocrisia.

Encerrando estas considerações, passo a palavra a Allan Kardec ⁵, com seu discernimento e lucidez proverbiais:

“O reproche lançado à conduta de outrem pode obedecer a dois móveis: reprimir o mal, ou desacreditar a pessoa cujo os atos se criticam. Não tem escusa nunca este último propósito, por quanto no caso, então só há maledicência e maldade. O primeiro pode ser louvável e constitui mesmo, em certas ocasiões, um dever, porque um bem deverá daí resultar, e porque, a não ser assim, jamais na sociedade, se reprimiria o mal (...).

Não é possível que Jesus haja proibido se profligue o mal, uma vez que ele próprio nos deu o exemplo, tendo-o, feito, até, em termos energéticos. O que quis significar é que a autoridade para censurar está na razão direta da autoridade moral daquele que censura (...) *Aos olhos de Deus, uma única autoridade legítima existe: a que se apóia no exemplo que dá do bem.* É o que, igualmente, ressalta das palavras de Jesus.” (Grifo de Kardec.) •

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. Bíblia Sagrada – Novo Testamento. João, 8:3-11. Stampley Publicações Ltda. - São Paulo (SP), 1974.
2. AMANDRY, Pierre. *Delfi e la sua storia. Guide Archeologiche della Grecia.* Atenas, 1985, pp 12-13.
3. PADOVANI, Humberto; CASTAGNOLA, Luís. *História da Filosofia.* 15ª ed. – Companhia Melhoramentos - São Paulo; 1990 – pp 100 e 110.
4. Bíblia Sagrada – Novo Testamento. Mateus (7:1-5); Lucas (6:37). Stampley Publicações Ltda. São Paulo - SP - 1974.
5. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo.* 113ª ed., Rio de Janeiro. FEB - 1997. 435p. pp 174-175. Cap. X-13.

Pessoas Jurídicas Isentas do Imposto de Renda

Foi antecipado para 29 de maio corrente o prazo de entrega da Declaração do Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas imunes ou isentas (*entidades religiosas, de assistência social, de educação e outras*).

(D.O.U., I , 6-3-98, págs. 66-67.)

A Declaração será apresentada *através de disquete* a ser fornecido pela Secretaria da Receita Federal em suas repartições ou pela Internet (<http://www.receita.fazenda.gov.br>).

Jesus y Kardec: Dos Guías de Una Misma Doctrina

ROSELL ALFARO MARTÍNEZ

CUBA

Es de notar como algunos espiritistas se entregan por completo al sostenimiento de enconadas discusiones sobre la cuestión de si el Espiritismo es o no cristiano, donde muchos llegan hasta pensar que se ofende con ello a la memoria del Codificador.

Cuanta futilidad, cuan livianos son esos seres que sólo se complacen en discrepar sobre asuntos que nada provechosos aportan a la causa de la Doctrina Espírita, atendiendo más a un nombre que a su verdadero sentido, ocupándose de cosas que son tan insignificantes comparadas con la hermosa e importante misión que nos señala el Espiritismo; sólo ello es característico de personas de escasa instrucción moral y cultural, porque un nombre, un apellido es nada comparado con el inmenso cúmulo de enseñanzas que encierra la Tercera Revelación y por la cual tenemos tantas cosas interesantes y de mucho más valor por las que ocuparnos.

El espiritista estudioso, sincero y humilde se da cuenta de antemano que la parte moral del Espiritismo no es otra que la de Jesús, pues no existe una que pueda igualarle.

Por la razón de que muchos espiritistas faltos de conocimientos de la propia Codificación pretenden hacer ignorar la figura del Mesías como el modelo a seguir es que nos hemos propuesto con el trabajo, el dajar bien aclarado cuál es el verdadero criterio que al respecto el Codificador de la Doctrina Espiritista Allan Kardec ha expuesto en toda su obra, sobre sí es o no cristiana la Tercera Revelación, y, comenzamos primeiramente el análisis de dichas obras con la cuestión nº 625 de "El Libro de los Espíritus", en la cual Kardec preguntó a los Espíritus Superiores cuál es el tipo más perfecto de Dios que ha ofrecido al hombre, obteniendo la respuesta sintética:

¡CONTEMPLAD A JESÚS!

... "Es para el hombre el tipo de perfección moral a que puede aspirar la Humanidad en la Tierra; Dios nos lo ofrece como el modelo más perfecto y la Doctrina que enseña es la más pura expresión de Su Ley"...

A pesar de la exactitud u la claridad de la Codificación, de Kardec como su codificador, qué encontramos en estos momentos sino a personas que luchan y se sienten a gusto al proclamarse contra el calificativo de ESPERITISMO CRISTIANO, aún cuando es el propio Kardec que con la colaboración de los Espíritus Superiores deja bien precisado a Jesús y Sus enseñanzas como el modelo del que debe guiarse el hombre.

Haciendo un minucioso y bien conducido estudio de la Codificación Espírita, nos percatamos de lo expuesto por Kardec en su obra "El Evangelio Según el Espiritismo", capítulo XXIV, punto 16, cuando dice: "Lo mismo sucederá con los adeptos del Espiritismo, puesto que su Doctrina no es otra que el desarrollo u aplicación de la del Evangelio; a ellos se dirigen también las palabras de Cristo..."

Todas las restricciones de interpretación hace mucho daño a la unidad de la Doctrina al negarle su verdadera e indiscutible consistencia moral que nos es otra que la de Cristo, por lo que Kardec en el “Evangelio Según el Espiritismo”, capítulo I, punto 7, nos refiere lo siguiente: ... “*Así como Cristo dijo: “No he venido a destruir la ley cristiana, sino a cumplirla.”*”

No enseña nada contrario a lo que enseñó Cristo, pero desarrolla, completa y explica en términos claros para todo el mundo, lo que se dijo bajo la forma alegórica, viene a cumplir los tiempos predichos, lo que Cristo anunció, y a preparar el cumplimiento de las cosas futuras. Es pues la obra de Cristo, que El mismo preside, así como la regeneración que se opera y prepara el Reino de Dios en la Tierra como igualmente lo anunció. (Génesis, capítulo I, punto 41).

Si bien es cierto que el Espiritismo como la Tercera Revelación no está personificado en ningún individuo porque es producto de la enseñanza dada, no por un hombre, sino por los Espíritus (“Evangelio Según el Espiritismo”, capítulo I, punto 6), es también incuestionable que Kardec fue el Codificador aunque no su autor, por lo que cabía entonces el afirmar: ...“Yo no soy espiritista Kardeciano, soy espiritista simplemente”..., cuando no existe ningún inconveniente en llamarse Espiritista Cristiano, pues fue el propio Kardec quien afirmó el siguiente: (“El Libro de los Médiuns”, I parte, Capítulo III, Del método – ítem 28 y 30): ...“Los que no se contentan con admirar la moral Espiritista, sino que le aceptan todas las consecuencias”... La caridad es en toda regla de proceder a la que obedecemos; son los verdaderos espiritistas, o mejor dicho, los espiritistas cristianos”...

El propio Kardec reconoce y admite la esencia de la cual está revestida la Doctrina de los Espíritus: la esencia Cristiana, por sus sabias e inigualables enseñanzas morales.

Además, en “Evangelio Según el Espiritismo”, capítulo VI, punto 4, Kardec afirma lo siguiente: ...“Jesús promete otro Consolador: Espíritu de Verdad, que el mundo no conoce aún, porque no tiene la suficiente madurez para comprenderle y que el Padre enviará para enseñar todas las cosas y recordar lo que Cristo dijo”.

...“El Espiritismo viene en el tiempo señalado a cumplir lo que Cristo prometió: El Espíritu de Verdad”...

...“De este modo, el Espiritismo realiza lo que Jesús dijo del Consolador Prometido: conocimiento de las cosas, que hace que el hombre sepa de dónde viene y a dónde va y por qué está en la Tierra”.

Entonces, ¿enseña la Doctrina algo diferente a lo enseñado por Jesús? No, se fortalece y nutre de las sabias enseñanzas del Mesías.

Hay muchas personas que dicen ser espiritistas y se atribuyen la facultad de imponer sus puntos de vistas particulares”, arguyendo de que entonces el Espiritismo en Oriente de tradición hindú-budista, será budista, en Islan será Musulmán, y que teniendo “Evangelio Según el Espiritismo”, tendremos así “El Corán Según el Espiritismo”, eso pudiera ser así pero lo que quizás no se han puesto a meditar tales personas es que el Espiritismo codificado por Allan Kardec no recoge como bien dice en “El Libro de los Espíritus”, conclusión VIII: “*una moral diferente de la de Jesús*”, entonces negar ello equivaldría a negar el Codificador, quien en su obra “El Génesis Según el Espiritismo”, capítulo I, ítem 42, nos dice: “*Se reconoce que el Espiritismo realiza todas las promesas de Cristo con respecto al Consolador Prometido*”.

No hace Kardec en toda su obra alusión alguna sobre el budismo o el islamismo, sino sobre el Cristianismo.

¿Dónde pues, radica la confusión? Niega a uno y estarás negando al otro diría yo en particular.

Tratan de confundir las bases sobre las que se apoya el Espiritismo, aún cuando el propio Codificador, que no es más que un digno y fiel defensor de la Doctrina de Jesús afirmó en un discurso en Lyon el 19 Sept. 1861 en la Revista Espírita bajo su dirección (Anuário Espírita/95, página 28, punto 2): ...“El Espiritismo al contrario, no tiene nada que destruir, porque se asienta sobre las mismas bases del Cristianismo; sobre el Evangelio; del cual no es sino su aplicación.”

Pero además nos dice: “Por el Espiritismo, Dios viene a hacer un último llamado a la práctica de la Ley enseñada por Cristo: la Ley de Amor y de Caridad.” (“El Espiritismo en sus más Simple Expresión”, Mensaje Fraternal, página 38, punto 32 final).

En “Evangelio Según el Espiritismo”, capítulo IX, punto 8, está muy bien explicado por Lázaro que la Doctrina de Jesús enseña por todas partes la obediencia y la resignación dos virtudes compañeras de la dulzura. La obediencia es el consentimiento de la razón, la resignación el consentimiento del corazón; las dos son fuerzas activas.

Quien negase la obra de Jesús como complemento y base de la Doctrina Espírita estaría de por sí negando a Kardec, y ello nos daría un Espiritismo sin Codificación; pues según lo planteado en “El Génesis”, capítulo I, punto 30: “Se afirma que: “El Espiritismo partiendo de las propias palabras de Cristo, como este partió de las de Moisés, es una consecuencia directa de Su Doctrina”... (La de Jesús).

Están errados aquellos que no poseen la debida preparación moral e intelectual para pensar, hablar y actuar en nombre de una Doctrina que no asimilaron en su verdadera esencia, porque como dijo el Espíritu de Verdad en “Evangelio Según el Espiritismo”, capítulo VI, punto 5 final, en Paris en 1860: “Espíritas: Amaos, he aquí el primer mandamiento; instruíos, he aquí el segundo”. “Todas las virtudes se encuentran en el Cristianismo: los errores que se han arraigado en él son de origen humano; Jesús es el vencedor del mal...”

Cuanta belleza, cuanta derroche de dedicación y de respecto deposita Kardec en la obra de Jesús, no sólo Kardec sino los Espíritus Superiores que inspiraron al Codificador.

¿ Porqué algunos se promueven queriendo afectar las bases sobre las que se sustenta la Doctrina Espírita con actitudes tan livianas, incoherentes y faltos de veracidad y de conocimiento?

Por ello Kardec en su obra “El Espiritismo En Su Más Simple Expresión”, páginas 39 e 40, punto 34, Mensaje Fraternal, expresó: “En tanto la generación proscrita está por desaparecer rápidamente y una nueva generación surge cuyas creencias estarán fundadas sobre el Espiritismo Cristiano”.

¿ Y porqué el Codificador dijo eso?: “Como moral, el Espiritismo es en su esencia Cristiano porque la que enseña no es sino el desarrollo y la aplicación de la moral de Cristo, la más pura de todas y cuya superioridad nadie discute, lo que constituye prueba evidente de que es la expresión de la Ley de Dios; y esta moral es para uso de todo el mundo.” (“El Génesis”, capítulo I, punto 56 completo, y “El Espiritismo En Su Más Simple Expresión”, página 23, Como Moral).

El Espiritismo sin la obra de Jesús no puede tener sentido, porque toda la cuestión moral de este brota de las enseñanzas llenas de sabiduría y amor del Divino Maestro.

En el libro “Obras Pósumas”, 2ª Parte, livro de las previsiones, una comunicación obtenida en Ségur el 09.08.1863, a propósito de la elaboración de el “El Evangelio Según el Espiritismo”, se anota lo siguiente: “Se aproxima la hora

en la que te será necesario presentar el Espiritismo tal cual es, mostrando a todos donde se encuentra la verdadera Doctrina enseñada por Cristo. Se aproxima la hora en que, en la faz del Cielo y en la Tierra, tendrás que proclamar que el Espiritismo es la única institución verdaderamente divina y humana...”

¿ Podemos entonces atribuirnos el derecho de criticar o de atacar a quien dice llamarse Espiritista Cristiano cuando el propio Codificador no reconoce en toda su obra otro guía, otro modelo, otra enseñanza que no sea la de Cristo?

El Espiritismo está estrechamente ligado al Evangelio de Jesús, y si no fuese Cristiana la Doctrina, entonces carecería de sentido, pues el Codificador há dejado de manera precisa el asunto concluyendo en “El Libro de Los Médiums” capítulo XXIX, último párrafo de que: “Él estandarte des Espiritismo Cristiano y humanitario...” •

(Transcrito de *Mundo Espírita*, de julho de 1997.)

Kardec — Primeiro e Sempre

PASSOS LÍRIO

É inegável que, em pouco mais de um século, a Doutrina Espírita progrediu consideravelmente, desdobrando-se em extensão e intensidade.

Médiuns famosos contribuíram para o seu engrandecimento.

Novos adeptos, entre os homens mais cultos e esclarecidos, celebram-na por todos os meios e modos imagináveis.

Cientistas aderiram-lhe aos princípios renovadores, catalogando-lhe os fenômenos e comprovando sua autenticidade.

Jornalistas entusiastas e idealistas, ardorosos e vibrantes, divulgaram-lhe ao máximo as verdades e os conhecimentos, provando-os à luz dos fatos.

Escritores, de todos os gêneros e estilos literários, poetas e trovadores, decantaram-lhe as belezas dos ensinamentos.

Tribunos e romancistas, artistas e profissionais, puseram seus dons e aptidões a serviço de sua causa, levando-a aos lares, disseminando-lhe a essência dinamizadora por toda a parte.

Surgiram Instituições de benemerência que lhe engrandeceram o nome.

Despontaram órgãos de publicidade que lhe consolidaram a posição na opinião pública.

Apareceram programas radiofônicos que deram amplitude e cobertura de penetração ao seu raio de ação, nos domínios das atividades humanas e nos recessos das camadas sociais.

Editoras e editores enxamearam o mercado livreiro, com novos lançamentos, com novidades, com publicações e mais publicações, intensificando a correnteza da indômita caudal formada pelas letras de fontes humanas e mediúnicas.

O Espiritismo cresceu, evoluiu, agigantou-se, tomou proporções respeitáveis, extraordinariamente grandiosas, sem nos ser possível prever até que ponto irá ele nas arrancadas insopitáveis e irresistíveis de sua marcha ascensional, no tempo e no espaço.

Depois de Kardec, quantos autores! Quantos livros!

Depois da Codificação, quantas coletâneas! Quantas coleções!

Glória a Deus nas Alturas! Hosanas ao Filho do Altíssimo!

Tudo isto é muito belo, e motivo suficiente para alegrar-nos bastante!

Com razão somos considerados detentores de fabulosa fortuna, multimilionários, espiritualmente falando, tais as jóias de inestimável valor lítero-doutrinário, tantas as preciosidades filosófico-científicas, tamanhas as contribuições valiosíssimas de Homens e Espíritos nos domínios da intelectualidade, para o interminável enriquecimento de nossa mente e do nosso coração!

Nada de melhor poderíamos desejar!

Assim, muito justo e natural nos parece que, em matéria de livros e autores, tenhamos predileções e demonstremos claramente nossas preferências.

Seriam descabidos, por infundados, quaisquer escrúpulos nossos neste particular.

Ler a Doutrina será sempre bom, e estudá-la ainda melhor! Compulsar livros, consultar os autores que dela se ocupam, em qualquer de suas facetas, representará um honroso e indispensável mister para a cultura crescente e incessante de nossas almas.

Compreensível, muito compreensível mesmo, semelhante critério preferencial de cultivo.

Mas, por Deus, leitores e estudiosos de todos os matizes, estudantes e profitentes em todos os graus e degraus da escala doutrinária, por tudo de mais sagrado, não iniciem os seus estudos do Espiritismo por qualquer outro autor, que não Allan Kardec! Suas obras hão de ser sempre as fontes mais cristalinas e credenciadas de orientações e esclarecimentos, de conforto e estímulo, de Conhecimento e Educação.

Codificação Kardequiana na infância, Codificação Kardequiana na juventude, Codificação Kardequiana na madureza!

Codificação Kardequiana na aurora da vida, Codificação Kardequiana em pleno sol a pino da vida, Codificação Kardequiana no crepúsculo da vida!

Codificação Kardequiana ontem, hoje e amanhã! Codificação Kardequiana agora e depois! Codificação Kardequiana – primeiro e sempre! •

A FEB e o Esperanto

O Esperanto e a Divulgação do Espiritismo na Polônia

AFFONSO SOARES

Nova carta nos chega da Polônia, assinada pelo estimado Przemek Grzybowski, esperantista-espírita já bastante conhecido nos círculos brasileiros.

Seus contatos, feitos há alguns anos com Roger Perez, da Union Spirite Française et Francophone resultaram em sólidos laços entre o Movimento Espírita francês e o iniciante movimento polonês. Graças a essa feliz aproximação, Przemek pôde participar da última reunião, em Paris, do Conselho Espírita Internacional, de onde regressou cheio de entusiasmo e esperança, muito feliz por haver conhecido pessoalmente os representantes da FEB.

Após o relato das dificuldades que o círculo de espíritas poloneses atravessa, Przemek nos dá notícias sobre a concretização de ambicioso projeto para a publicação de uma obra – segundo ele uma espécie de enciclopédia – destinada a informar um vasto público sobre a Doutrina Espírita e a prepará-lo para a sua aceitação. Cópia desse importante material foi entregue ao Conselho por intermédio de nosso companheiro Nestor João Masotti. O conteúdo é bem abrangente: esboço de uma História do Espiritismo, no Mundo; resumo dos diversos sistemas filosóficos e dos dogmas religiosos; grande número de mensagens espíritas colhidas nas obras de Kardec, em livros editados pela FEB e nos arquivos do grupo espírita de sua cidade; pequenos glossários sobre Parapsicologia e sobre símbolos; listas de obras literárias e de organizações espíritas no Mundo. Com 420 páginas e cerca de 100 ilustrações, a obra esbarra ainda na dificuldade de se encontrar um editor com recursos e inclinação para tal gênero de publicação. Przemek ainda recolhe material para a parte histórica do livro, e nesse sentido pede aos círculos brasileiros que o ajudem, enviando-lhe reportagens científicas sobre Espiritismo, descrição de atividades mediúnicas, notas sobre os movimentos espíritas, relatos de experiências, etc., pois, como diz em sua carta, “na Europa a apresentação do Espiritismo deve primeiramente ter caráter científico, (...) e na Polônia a literatura é a principal prioridade”.

De seu encontro com Divaldo Franco, em Paris, resultou a promessa de traduzir alguns de seus livros para a língua polonesa. Certamente aqueles já vertidos para o Esperanto.

Graças à preciosa colaboração de muitos espíritas-esperantistas do Brasil, Przemek completou sua biblioteca de livros espíritas em Esperanto. Pela Internet, nosso querido co-idealista está em permanente ligação com o Brasil, continuando, agora pela rede, a longa e frutuosa colaboração com Clóvis Alves Pontes, de Ipatinga (MG).

•

A pequena semente, que viajou nas asas do Esperanto até a longínqua Polônia, encontrou um coração de boa vontade, germinou e agora vai se

transformando em árvore cujos belos frutos saciarão a fome de luz e de consolação de muitos irmãos nossos espalhados pela Terra. Perseveremos, portanto, queridos irmãos dos círculos espíritas-esperantistas, no cultivo do belo Ideal, que mais belo, mais brilhante se torna quando associado aos serviços do Espiritismo Cristão, sob a égide do Evangelho de Jesus.

O Esperanto não é mera distração para espíritas em horas de lazer. É, ao contrário, terreno fértil para promissoras sementeiras de educação universalista e iluminação espiritual. Os que a ele se dedicam, em harmonia com seus superiores princípios, também fazem parte, segundo a autorizada palavra de Emmanuel, daquele *exército de operários das edificações do futuro, como se fossem construtores de um mundo novo, dispersos nas estradas terrestres, procurando ajustar suas diretrizes*.

Cultivemos o Esperanto em nossas fileiras, estudemos a genial criação de Zamenhof, ensinemo-lo a nossos jovens, a nossas crianças, estimulando seus impulsos naturais de associação, de convivência, no sentido da correspondência internacional, da fraternidade acima das fronteiras. Estaremos certamente dando continuidade ao programa de suas atuais existências, nas quais seus Guias depositaram grandes esperanças. E aqui aproveitamos a oportunidade para, uma vez mais, sugerir aos mentores da Evangelização Infanto-Juvenil a inclusão do Esperanto nos respectivos currículos. Não nos referimos a *cursos* do idioma, mas à iniciação sobre o tema, à menção de que os Espíritos Superiores vêem no Esperanto um poderoso auxiliar na construção da Nova Era, à inclusão das notícias que a boa literatura mediúnica apresenta sobre o ideal esperantista no Além-Túmulo, entre muitos outros tópicos que contribuirão decisivamente para despertar, nos futuros condutores do Movimento Espírita, o entusiasmo pela grande causa. •

Internet Abriga Videntes

Por diversos preços, rede oferece até previsões sobre as bolsas

DAVILSON SILVA

Sempre os homens consultaram os médiuns para saber do futuro, ler a sorte, visando a superar dificuldades imediatistas. Na Antigüidade, os médiuns eram chamados feiticeiros, magos, adivinhos, oráculos, pítons, sibilas, profetas e videntes. Hoje, temos os “videntes virtuais”.

Agora, as pessoas poderão encontrar, a preços variados, a solução de seus problemas amorosos, financeiros ou profissionais. Basta consultar os videntes pelo telefone ou por computador. Enviando-lhes o nome completo, data, horário e local de nascimento, as perguntas e, é claro, o cartão de crédito, as respostas serão dadas em 48 horas, segundo garantem.

Os “psychic readers” (videntes) de Nova York, Estados Unidos, estão atendendo pela Internet. A previsão do futuro por *e-mail* pode custar de US\$ 7,50 a US\$ 35,00. Esses serviços ocupam 150 *sites* e uma infinidade de números 900 (preço: US\$ 1,99 a US\$ 3,99 o minuto de conversa). É oferecido qualquer tipo de previsão por intermédio da numerologia, do tarô, da astrologia, da leitura de mãos, etc., baseado nos “poderes mediúnicos” do vidente.

Também há serviços especiais no mercado financeiro. “Astrologia financeira”, “horóscopo de ações” e “previsões diárias sobre o comportamento do mercado” estão ao alcance de qualquer um que procure o atendimento *on line*, por telefone, pelo correio e até pessoalmente. Mas a maioria prefere a primeira opção.

Os videntes nova-iorquinos proliferaram tanto que há uma seção nas páginas amarelas de Manhattan. Eles estão em cada esquina, da ilha em praticamente todas as regiões, de China-Town ao Upper East Side. A expansão de videntes nos EUA forçou a criação da Associação Americana dos Videntes, fundada por Gaeil Summer, em 1992, a qual possui cerca de 350 integrantes. (Não existem dados oficiais sobre o total de videntes nos EUA; mas é certo que ultrapassa muito mais de 350.)¹

Em quase todas as grandes cidades do Planeta, há esse comércio. A exploração da previsão do futuro em nossa terra não é tão sofisticada como a dos videntes de “Primeiro Mundo”. Leitura de mãos ou de cartas, visões através de cristais ou de outros objetos têm a ver com medianimidade (o mesmo que mediunidade).

Cartas de tarô, bola de cristal, etc., são formas pelas quais se valem alguns desses médiuns (médium, do latim *medium*). Pessoas que vêem os Espíritos, o Mundo Espiritual, ou prevêem acontecimentos, possuem mediunidade de vidência, daí o termo vidente (do latim *videntem*). O Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, afirmou que certos médiuns, dotados desta faculdade, podem atuar em estado normal, quando completamente acordados, e conservar a lembrança do que viram; outros, porém, só agem no estado sonambúlico ou próximo do sonambulismo².

No entanto, Emile Boirac reputou Vidência “termo impróprio para a percepção que designa, preferindo Metagnomia”, conforme escreveu Eugène Osty, em *Revue Matapsychique* (nº 3 de 1925, pág. 144). Este termo, “Metagnomia”, (do grego *metá* + *gno* + *mia*), é o mesmo que Vidência, Clarividência, Dupla Vista, etc. Dentre as diversas espécies de Metagnomia a

“Mântica”, por exemplo, diz respeito à faculdade de o médium ver através de cristais, de borra de café, de cartas e de outros meios³.

Mediunidade e Espiritismo

O espírita pode ser médium; mas nem todo médium é espírita. O vidente tem mediunidade em maior ou em menor grau e esta não constitui privilégio exclusivo de ninguém. Na visão do Espiritismo, o tráfico do dom mediúnicos contravém à lei divina de amor e caridade. Jamais o médium deve granjear qualquer vantagem egoística, orgulhar-se da mediunidade, porque sempre corre o risco de, se necessário, Deus retirá-la. O médium espírita atribui ao Criador tudo de bom que obtém e nunca se envaidece da faculdade que possui.

Moisés motivou, sim a proibição da prática mediúnica; mas em virtude do comércio, degenerado em abuso e exploração pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição daquela época*. Para o médium verdadeiramente espírita, a mediunidade deve ser praticada santa e religiosamente, como desejava o Médium do Decálogo. Disse Moisés: “Oxalá todo o povo de Deus (ou seja, todos os filhos de Deus) fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu espírito” (isto é, fosse médium e transmitisse comunicações elevadas).**

O médium espírita conhece a importância desta máxima: “Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido”***. Além do mais, ele não vê a sua faculdade como uma arte ou um talento (talento no sentido de habilidade adquirida), porquanto esta não se pode tornar uma profissão. Sabe que a mediunidade é nula sem a participação dos Espíritos, porque, sem eles, mantém-se aptidão, mas nunca o desempenho. Entretanto, certos médiuns vivem a justificar a mediunidade remunerada.

Para concluir, transcrevemos parte de um texto no qual o Codificador do Espiritismo dá um conselho não só aos videntes do ciberespaço, mas a todo médium que tira proveito de sua faculdade:⁴

“Procure, pois, aquele que carece do que viver, recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam.”

* Deuteronômio, 18:9-14.

** Números, 11:27-29.

*** Mateus, 10:8.

Referências Bibliográficas:

1. TREVISAN, Cláudia. *Videntes dos EUA atendem pela Internet; Páginas Amarelas têm seção sobrenatural; Folha de São Paulo*, respectivamente às páginas 29 e 30, edição de 8 de dezembro de 1996.
2. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. 63 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, p. 211, cap. XIV, item 167.
3. PAULA, João Teixeira de. *Enciclopédia de Parapsicologia. Metapsíquica e Espiritismo*, São Paulo, Cultural Editora Ltda., 1973, 2º vol., p. 88.
4. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 113 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997, pp. 367-368, cap. XXVI, item 10.

Ansiosa Solicitude

AGNES H. SOARES LEAL

Os tempos modernos exigem do homem uma busca incessante. Corre-se muito. Conseqüentemente, os males do século cada vez mais atacam homens e mulheres que se envolvem com negócios e compromissos a cumprir numa correria desenfreada. Corre-se tanto que, quando se percebe, a saúde encontra-se comprometida e a vida já está escorregando pelos dedos, o homem então se volta para Deus em busca de soluções para tantos problemas.

Nestas ocasiões já se tornou comum as pessoas perceberem que os filhos cresceram, tornaram-se algumas vezes réplicas perfeitas de nossas atitudes, com conceitos deturpados pela propaganda enganosa da Televisão, com atitudes mentais e espirituais nada sadias.

Passaram a vida inteira assimilando conceitos torpes. Agora, na era da Internet, a coisa piorou, porque não puderam e ainda não podem contar com seus pais quando necessário, para que os educassem à luz do Evangelho do Cristo. Lamentável, não?

No Sermão da Montanha, (Mateus, 6:25-34), Jesus é bastante claro com referência às preocupações de nossa vida. “Não vos preocupeis pois com o dia de amanhã, porque o dia de amanhã já basta por si só”. Ou seja, não nos preocupemos com o dia de amanhã; já nos bastam as preocupações do dia de hoje.

Então por que esta ansiosa solicitude pela vida?

No mundo atual, é necessário que tenhamos o maior número possível de eletrodomésticos, roupas e sapatos ao sabor da moda, cotas de sociedades nos clubes de recreação, o reluzente carro do ano e a recheada conta bancária para que amealhemos cada dia mais tesouros na Terra, satisfazendo assim os anseios consumistas da sociedade hodierna.

No mundo de Jesus, basta vestirmo-nos como os lírios do campo, alimentarmo-nos como as aves do céu, calçarmos simples sandálias, taparmos o frio com um manto, e o que nos sobrar repartir com quem não tem.

No mundo de Jesus, temos que ver as belezas que o Pai nos legou, ser fraternos em vez de egoístas, olhar para nossos filhos como individualidades legadas por Deus, para que cuidássemos deles, e não nos arrependêssemos depois, quando a vida nos cobrasse a conta devedora muito alta. Nesta hora, descobriremos que a recheada conta bancária não tem saldo suficiente para nosso débito junto à Lei Divina. E como ficaremos então?

A saúde depauperada pelos excessos das jornadas de trabalho, o *stress* implantado definitivamente em nosso corpo físico, a área cardiovascular comprometida, e o que é pior, com comprometimento também em nossa saúde espiritual, não nos deixando forças, nem para procurar o lenitivo consolador da busca do Cristo.

Muitos estão se perguntando: Será que teremos de manter os braços cruzados, e esperar que a Providência Divina faça cair de presente em nossas mãos a segurança financeira de que todos precisamos? Como fazer para pagar a mensalidade das faculdades, já que não são todos os privilegiados que conseguem ensino superior gratuito? Existe alguma fórmula mágica que nos

garanta um bom plano de saúde? Ou será que a aposentadoria proporcionada pelo Estado nos deixará confortáveis em nossa velhice?

Está claro que falamos aqui dos excessos consumistas da atualidade. Jamais teremos apoio do Cristo se nos abandonarmos à preguiça e esperarmos que o maná nos caia do céu.

Vamos, portanto, diminuir o ritmo e o consumo, procuremos fazer apenas para nossa segurança, e zelemos pelos nossos filhos, para que não tenhamos de prestar contas a Deus, quando fracassarmos e tivermos nossos débitos agravados por uma ansiosa solicitude pela vida. •

Seara Espírita

AME-SP: 2ª JORNADA MÉDICO-ESPÍRITA

A Associação Médico-Espírita de São Paulo, fundada em 31 de março de 1968, está comemorando seus trinta anos de funcionamento com a realização da 2ª Jornada Médico-Espírita nos dias 23 e 24 deste mês, no auditório Ellis Regina do Centro de Convenções Anhembi, em São Paulo (SP). Serão oferecidos dois importantes cursos aos inscritos: “Inteligência e Comportamento Emocional”, pelo Dr. Núbior Facure, e “Exame Psíquico, Diagnóstico e Tratamento, Um Modelo Médico-Espírita”, pelo Dr. Sérgio Felipe de Oliveira. Haverá, ainda, a apresentação de dez temas por diversos expositores.

-//-

GOIÁS: SEMINÁRIO SOBRE PREPARAÇÃO DE TRABALHADORES

Durante o Congresso Espírita Estadual, realizado no Centro de Convenções de Goiânia, de 21 a 24 de fevereiro passado, e que reuniu cerca de três mil pessoas, a Federação Espírita do Estado de Goiás promoveu o Seminário “Preparação de Trabalhadores para as Atividades Espíritas”, sob a direção de Nestor João Masotti, Coordenador das Comissões Regionais do Conselho Federativo Nacional da FEB. Vinculado à *Campanha de Divulgação do Espiritismo*, o Seminário teve por objetivo o treinamento de multiplicadores no âmbito das Federativas Estaduais da Região Centro: Brasília (DF), Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás.

-//-

USE-SP: PESQUISA SOBRE O PERFIL DO CENTRO ESPÍRITA

A União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo iniciou em abril uma pesquisa sobre o perfil do Centro Espírita, a fim de tomar conhecimento mais amplo da realidade do Movimento Espírita paulista, com o apoio da Associação de Divulgadores do Espiritismo do Estado de São Paulo. Jovens espíritas de todas as regiões do Estado estão percorrendo os Centros Espíritas e entrevistando seus dirigentes, com o objetivo de colher as informações pedidas na pesquisa, que tem suporte em intensa campanha de divulgação.

-//-

COLÔMBIA: CONGRESSO ESPIRITISTA

Em promoção conjunta da Confederación Espiritista Colombiana (CONFECOL) e da Federación Espiritista de la Costa Atlantica (FEDCA), ocorreu nos dias 9, 10 e 11 de abril o VII Congresso Espiritista Colombiano, na cidade turística de Santa Marta, com o tema central “A Fraternidade Universal”. Participaram do evento Centros Espíritas de Santa Marta, Barranquilla, Cartagena, Santa Fé de Bogotá e outras cidades.

CEARÁ: APERFEIÇOAMENTO DE MONITORES

A equipe de Coordenação do Estudo Sistematizado (ESDE) da Federação Espírita do Estado do Ceará está ministrando um Curso Introdutório de Aperfeiçoamento dos Monitores do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita, em dois períodos: o primeiro ocorreu nos dias 21 e 23 de março passado e o segundo será nos dias 23 e 24 do corrente mês.

-//-

NATAL (RN): VII FOREN

Com o tema central “Conhecendo o Futuro”, realizou-se no Centro de Convenções de Natal, no período de 17 a 19 de abril, o VII FOREN – Fórum Espírita de Natal – promovido, com o apoio da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, por: Grupo Espírita Allan Kardec, Lar Espírita Alvorada Nova e Sociedade Espírita de Cultura e Assistência.

-//-

ABRAPE: CICLO DE PALESTRAS

A Associação Brasileira de Psicólogos Espíritas (ABRAPE), em sua programação do 1º semestre deste ano, está promovendo um ciclo de palestras intitulado “Estudando a Mente e o Espírito”, no período de 7 de março a 30 de maio, no Instituto Espírita Obreiros do Bem (Rua Eclíseo Vivane, 25 – Osasco - SP). As palestras do ciclo, neste mês, são as seguintes: dia 9, “Psicose e Esquizofrenia” (Vera Marini); dia 16, “Síndrome do Pânico” (Ercília Pereira Zilli); dia 21, “Medos e Fobias” (Enéas Canhadas); e dia 30, “Sono, Sonho e Desdobramento” (Vilma Marchiteillo).

-//-

M. GERAIS: CURSO MEDICINA DA ALMA

A Associação Médico-Espírita de Minas Gerais (AME-MG) estará promovendo no decorrer do ano o curso Medicina da Alma. Com um conteúdo basicamente dirigido aos profissionais da área da Saúde, que buscam conjugar em seus trabalhos profissionais a terapêutica tradicional e a espiritual, está aberto também aos demais interessados. Informações pelo telefax (031) 332-5293. (F.E.)

-//-

FRANÇA: FILME SOBRE ALLAN KARDEC

O Cineasta Edson Audi está produzindo na França o filme cinematográfico *Allan Kardec e O Livro dos Espíritos*, em longa-metragem, que contará a vida e mostrará a obra do Codificador da Doutrina Espírita. Segundo o produtor, o filme “promete ser uma significativa realização em nível de divulgação do Espiritismo e do Codificador na França e na Europa, para não dizer no mundo”.